



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS VIII
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

WELDSO LUIZ DE OLIVEIRA

**ARQUEOLOGIA DAS RELIGIÕES: CRISTIANISMO E SUA EVOLUÇÃO
HISTÓRICA, DO PROTESTANTISMO AO PENTECOSTALISMO**

**Paulo Afonso / BA
DEZ/2018**

WELDSO LUIZ DE OLIVEIRA

**ARQUEOLOGIA DAS RELIGIÕES: CRISTIANISMO E SUA EVOLUÇÃO
HISTÓRICA, DO PROTESTANTISMO AO PENTECOSTALISMO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VIII, como pré-requisito para conclusão do curso de Bacharel em Arqueologia. Sobre a orientação do Prof. Msc. Salomão David Vergne Cardoso.

Paulo Afonso / BA

DEZ/2018

O45a Oliveira, Weldson Luiz de.

Arqueologia das religiões: cristianismo e sua evolução histórica, do protestantismo ao pentecostalismo.

/Weldson Luiz de Oliveira. _2018.

88f.:il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus VIII*, 2018.

Orientação: Prof.º Me. Salomão David Vergne Cardoso.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**PARECER DA COMISSÃO EXAMIDORA
DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DE**

WELDSO LUIZ DE OLIVEIRA

**ARQUEOLOGIA DAS RELIGIÕES: CRISTIANISMO E SUA EVOLUÇÃO
HISTÓRICA: DO PROTESTANTISMO AO PENTECOSTALISMO**

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o discente WELDSO LUIZ DE OLIVEIRA,

APROVADO

Paulo Afonso, 17 de Dezembro de 2018

Orientador: Prof^o. Me. Salomão David Vergne Cardoso

Prof^a. Dr^a. Maria Cleonice de Souza Vergne

Prof^o. Especialista Admilson Freire de Carvalho

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Faustino Luiz de Oliveira (*in memoriam*), Maria da Penha Silva Oliveira. A minha família que esteve ao meu lado, aos meus filhos e a minha esposa e companheira Míriam Galdino de Oliveira, pelo apoio, paciência e dedicação.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar por me ter me fortalecido em todos os momentos, e não me ter permitido retroceder e nem desistir dos meus propósitos, apesar dos muitos obstáculos e dificuldades que encontrei no percurso.

A minha família, em especial a minha esposa Míriam Galdino de Oliveira, que não só me apoiou, como muito me incentivou na conclusão da minha graduação.

Aos meus filhos, Weldson Jr e Maria Clara, por terem suportado minha ausência em muitos momentos das suas vidas, em prol de realizar o meu sonho de ser graduado em Arqueologia.

Ao orientador prof. Ms^o Salomão David Vergne Cardoso, como também a professora coordenadora do curso Prof^a Dr^a Maria Cleonice Vergne, pela direção e acompanhamento durante meu trabalho de pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa que tem como tema: Arqueologia das religiões: Cristianismo e sua evolução histórica: do Protestantismo ao Pentecostalismo, analisa o Cristianismo do ponto de vista do seu desenvolvimento histórico. Traçando a trajetória do mesmo dos primórdios da Era Cristã até o surgimento do Pentecostalismo. Considerando os períodos intermediários Patrístico e o da Reforma Protestante. Nesta abordagem, enfatizamos a evolução do Cristianismo, considerando seu surgimento, desenvolvimento, propósito e influência. Bem como, descrevemos as etapas vividas pela religião cristã até chegar a Reforma Protestante e o surgimento do Movimento que ficou conhecido na história como Pentecostalismo. Considerando a sua importância, principais características e seus mais notáveis expoentes que marcaram a história de forma incomum e fizeram com que pudéssemos ter um novo olhar sobre a história cristã. Assim, compreenderemos de forma mais ampla os aspectos históricos que fizeram do Cristianismo, inegavelmente, uma das maiores influências religiosas de todos os tempos. Forma religiosa essa, que vem sendo abraçada por cristãos no mundo todo, dada a sua relevância e importância histórica-social-espiritual. Para o embasamento teórico foram pesquisados diversos autores, os quais destacamos: Altmann (1994), Aquino (1980), Blainey (2012), Cairns (1988), Champlin (1991), Elwell (2003), Freston (1994), González (1986), Lopes (1955), Nichols (1985), Oliveira (1988). Este trabalho possui abordagem qualitativa de caráter descritivo. A investigação compreende pesquisa bibliográfica. Sendo assim, justifica-se o tema escolhido, pelo fato do mesmo trazer a lume a importância histórica desse acontecimento que vem se fundamentando ao longo destes mais de vinte séculos – enquanto fator histórico relevante para o nosso conhecimento. Por meio da pesquisa compreendemos melhor o desenvolvimento histórico do Cristianismo. Uma história marcante e relevante do ponto de vista de sua influência e ação libertadora quanto ao que cremos e confessamos, e que estudá-la, considerando os seus períodos, faz com que entendamos a mesma como uma história em devir.

Palavras-chave: Cristianismo. Patrística. Reforma Protestante. Pentecostalismo.

ABSTRACT

This research that has as its theme: Archeology of religions: Christianity and its historical evolution: from Protestantism to Pentecostalism, analyzes Christianity from the point of view of its historical development. Tracing the trajectory of the same from the beginnings of the Christian Era until the emergence of Pentecostalism. Considering the intermediate periods Patristic and the Protestant Reformation. In this approach, we emphasize the evolution of Christianity, considering its emergence, development, purpose, and influence. As well, we describe the stages lived by the Christian religion until arriving at Protestant Reformation and the emergence of the Movement that became known in history as Pentecostalism. Considering its importance, main characteristics and its most notable exponents that marked the history of unusual form and did that we could have a new look on the Christian history. Thus, we will understand more fully the historical aspects that made Christianity undeniably one of the greatest religious influences of all time. It is a religious form that has been embraced by Christians throughout the world, given its relevance and historical-social-spiritual importance. For the theoretical basis, a number of authors were researched: Altmann (1994), Aquino (1980), Blainey (2012), Cairns (1988), Champlin (1991), Elwell (2003), Freston (1994), Gonzalez 1986), Lopes (1955), Nichols (1985), Oliveira (1988). This work has qualitative approach of descriptive character. The research comprises bibliographic research. Therefore, the chosen theme is justified, because it brings to light the historical importance of this event that has been founded throughout these more than twenty centuries - as a relevant historical factor for our knowledge. Through research we better understand the historical development of Christianity. A striking and relevant story from the point of view of its influence and liberating action on what we believe and confess, and that studying it, considering its periods, makes us understand it as a story in becoming.

Keywords: Christianity. Patristic. Protestant Reformation. Pentecostalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULOS I - CRISTIANISMO E SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA	16
1.1 TRÊS GRANDES INFLUÊNCIAS	18
1.1.1 Os gregos	18
1.1.2 Os romanos	19
1.1.3 Os judeus	20
1.2 EXPANSÃO ATRAVÉS DOS APÓSTOLOS	21
1.3 UM TEMPO DE PERSEGUIÇÃO SEM PRECEDENTE	23
1.4 PATRÍSTICA: OS SUCESSORES IMEDIATOS DOS APÓSTOLOS	24
1.4.1 Os Pais Pós-Nicenos do Oriente	25
1.4.2 Os Pais Pós-Nicenos do Ocidente	26
1.5 DOCTRINAS FILOSÓFICAS CONTROVERSAS	28
1.5.1 Ebionismo (séc. II a V)	28
1.5.2 Arianismo (séc. III e IV)	29
1.5.3 Docetismo	29
1.5.4 Nestorianismo	30
1.5.5 Apolinarianismo	30
1.5.6 Eutiquianismo	31
1.5.7 Cristologia funcional	31
1.6 O INÍCIO DO CLAMOR POR UMA REFORMA	32
CAPÍTULO II - PROTESTANTISMO: O INÍCIO DA IGREJA REFORMADA	33
2.1 DETECTANDO AS FALHAS, COMPREENDENDO O CONTEXTO	33
2.2 OS PRÉ-REFORMADORES – O CAMINHO DE ABERTURA PARA A REFORMA	34
2.3 FATORES DECISIVOS PARA A REFORMA PROTESTANTE	36
2.3.1 Mudanças Geográficas	36
2.3.2 Mudanças Políticas	36
2.3.3 Mudanças Econômicas	37
2.3.4 Mudanças Sociais	37
2.3.5 Mudanças Intelectuais	37
2.3.6 Mudanças Religiosas	38
2.4 OS CINCO PILARES DA REFORMA	38
2.5 AS CAUSAS DA REFORMA	39

2.6 COMPREENDENDO A IGREJA DO SÉCULO XVI	40
2.7 DEFININDO O PROTESTANTISMO	41
2.8 A REFORMA E OS REFORMADORES.....	42
2.8.1 Martinho Lutero e a Reforma na Alemanha (1483-1546)	44
2.8.2 Zwínglio e a Reforma Suíça (1484-1531)	49
2.8.3 Calvino e a Reforma em Genebra (Suíça)	51
CAPÍTULO III - PENTECOSTALISMO – SUA BASE HISTÓRICA E SEU DESENVOLVIMENTO ATÉ OS NOSSOS DIAS	55
3.1 AVIVAMENTO WESLEYANO – AS BASES DO PENTECOSTALISMO MODERNO (PÓS REFORMA)	58
3.2 AS BASES PRETÉRITAS DO PENTECOSTALISMO.....	59
3.2.1 Manifestações Pentecostais entre os Séculos XII a XIX	60
3.3 AVANÇOS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL PELO MUNDO.....	65
3.3.1 O Pentecostalismo na Europa	66
3.3.2 O Pentecostalismo na Ásia	67
3.3.3 O Pentecostalismo na Índia	68
3.3.4 O Pentecostalismo na África	68
3.4 O CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO.....	70
3.5 O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	72
3.5.1 Três Ondas do Pentecostalismo Brasileiro	73
3.6 O NEOPENTECOSTALISMO.....	75
3.7 AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS QUANTO AO PENTECOSTALISMO	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

Cristianismo é história. História de um homem que influenciou o mundo e mudou a história de vida de milhões de pessoas ao longo dos séculos. O que nos leva a crer que entender o Cristianismo é também compreender nossa própria herança de fé e de crenças. Afinal, somos todos cristãos de uma forma ou de outra. Embora estejamos a professar nossas crenças de forma irremediavelmente diferente.

O Cristianismo como o conhecemos hoje e que chega até nós, vem de múltiplas e variegadas transformações. Vem acontecendo no tempo e no espaço, através de um longo processo histórico por meio do qual inúmeros fatores marcaram de forma decisiva não só a história, mas também a vida de incontáveis pessoas, de nações inteiras e de líderes influentes. Com o passar do séculos e influenciado pela ação antrópica, novas facetas desse Cristianismo foram sendo incorporadas a estruturas pretéritas. Desde o Cristianismo Puro, aquele vivenciado pelos seguidores imediatos do Cristo, nos Primórdios da Era Cristã (ou Era Apostólica), até o Cristianismo Pós-Reformado ou Cristianismo Pentecostal. Foram inúmeras as mudanças que o mesmo enfrentara e grandes foram os avanços obtidos pelo mesmo ao longo dos séculos. Não diria, uma mudança quanto ao seu corpo doutrinário, quanto ao fundamento da fé cristã. Afirmaríamos, apenas, quanto a forma do mesmo se estabelecer em cada época e em cada lugar – ao ter que romper as barreiras filosóficas e ideológicas que se fundamentaram ao passar das eras e que se fizeram quase intransponíveis.

Percebe-se que historicamente o Cristianismo fora ganhando espaço, notoriedade e significância entre muitas nações e entre muitos governantes. Com a expansão da nova fé, novas maneiras de incorporar as verdades de Cristo foram sendo agregadas as novas comunidades por todas as partes do mundo. É assim que se diz do Cristianismo, que o mesmo no primeiro século da era Cristã, já havia evangelizado o mundo! Até chegar até nós. E chega enquanto uma história viva, marcante, empolgante sobre muitos aspectos. Pois, a história do Cristianismo, é uma história que permanece.

Para os historiadores continua sendo um mistério como uma fé brotada na distante Jerusalém, entre pessoas sem poder político, nem prestígio, nem riquezas pôde, em

menos de um século, chegar até o coração do império e se estender por todas as suas regiões. Um dos atuais especialistas no assunto, o sociólogo estadunidense Rodney Stark, no livro “The Rise of Christianity”, calcula que o número de cristãos no ano 300 era de 5 a 7 milhões (Quadro 1). Ele se baseia em estudos antigos, como os de Harnack, e em mais recentes, como os de Mac Mullen, entre outros. Começando com uma estimativa de que no ano 40 havia mil cristãos, ele apresenta uma escala de crescimento a um ritmo acelerado de 40% por década:

Ano	População Cristã	Porcentagem
40	1.000	0.0017%
50	1.400	0.0023%
100	7.530	0.0126%
150	40.496	0.07%
200	217.795	0.36%
250	1.171.356	1.9%
300	6.299.832	10.5%
350	33.882.008	56.5%

Dados históricos da evolução do Cristianismo. Fonte: Ultimato (2012)

Passando por transformações contundentes, conseguimos classificá-lo enquanto Cristianismo Apostólico, Patrístico, Medieval, Pré-Reformado, Reformado e Pós-Reformado: enquanto correntes, Pentecostal e Neopentecostal. Mas tudo isso (preservando as nuances de cada momento história), fazem parte de um todo composto e indivisível. Afinal, a história do Cristianismo não pode ser vista em suas partes tão somente, desagregadas do seu todo, dos seus objetivos e propósitos. Pois, não conseguiríamos compreendê-lo ou mesmo, aquilatá-lo de forma plena. E até correríamos o risco de fazermos conjecturas descabíveis sobre o mesmo. Nesse sentido, se faz necessário interpretá-lo através do seu todo.

Em todas estas fases, compreendemos um estágio natural de desenvolvimento e evolução. Não que o Cristianismo em si tenha mudado – não que a sua proposta tenha sido alterada. Não que o Cristo tenha sofrido alteração em sua historicidade. Mudou-se a atitude ou a forma dos homens vivenciarem as verdades que o Cristianismo defendia – postas e ensinadas, através do Jesus histórico. Cada tempo e em cada época, compreendemos um pouco mais dessa constante ebulição histórica que se desenvolveu na construção desta religião mundial – conhecida como Cristianismo. Hoje, sendo milhões, espalhados pelo mundo afora. Visto como uma das três maiores religiões mundiais, o que faz com que nossos olhos se voltem para um estudo mais amplo, acurado, imparcial. Pois, o que faz história, deve ser devidamente e fidedignamente perscrutado e avaliado.

Nosso objeto de pesquisa e análise quanto ao Cristianismo, compreende: sua fundamentação histórica, ou seja, seu surgimento, desenvolvimento e evolução; bem como, as bases solidificadoras que culminaram na Pré-Reforma, na Reforma propriamente dita e na Pós-Reforma – com seus eixos também históricos: conhecidos comumente como Movimento Pentecostal. Nas palavras de Siepierski, (2010, p.11), “o estudo da história do cristianismo primitivo impõe-se como elemento essencial para entender-se o desenvolvimento das doutrinas e das práticas cristãs como as encontramos no dia a dia.”

Nota-se que estudar o Cristianismo a partir dessa percepção é estudar a própria evolução da crença e da fé de todos os homens ao longo dos séculos.

Quando tratamos do Cristianismo, não podemos ignorar que o mesmo sobrevivera a inúmeras perseguições. Não só de cunho doutrinário – o que poderíamos chamar de perseguição interna; mas sobretudo, de cunho político – ou externa. Severas foram as perseguições que a igreja passara ao longo dos séculos, e que quase destruiu as bases desse seguimento religioso. Começando no primeiro século da Era Cristã – através dos imperadores Nero, Calígula, Trajano, Tibério, Vespasiano, até o quarto século com Diocleciano, Maximiano, Severo, Teodósio.

Mas apesar de tudo isso, quanto mais o estado romano perseguia os cristãos, mais forte e mais eficiente se tornava sua mensagem. O cristianismo ganhava forma e notoriedade. Quanto mais perseguidos, mais convicção e fundamentação passavam

a ter os cristãos – quanto ao que defendiam e acreditavam. Assim, quanto maior era a perseguição, maior era o crescimento da igreja. Fora uma época extremamente difícil para a fundamentação e a permanência da Igreja nestes primeiros quatro séculos de história. Mas como veremos, o Cristianismo sobreviveu a tudo isso.

Temos em nossos dias, um Cristianismo sobrevivente e remanescente. Afinal, muito de suas construções históricas e bases doutrinárias, foram sendo dissolvidas ao longo do tempo, através daqueles que em algum tempo e em dado momento, protagonizaram a sua história. Mas o fato, é que tais fundamentações se prolongaram e se mantiveram, para o bem da causa cristã. Tais, líderes religiosos – e que representavam legalmente a Igreja, fizeram com que a mesma deixa-se de ser cristã, evangélica e ortodoxa. Mas o seu lastro e a sua base no próprio Cristo, faz com que o mesmo tenha o respaldo necessário para que o enxerguemos – enquanto um grande milagre de Deus, enquanto caminho que liga e aproxima o ser e a humanidade do grande ideal salvífico (através de Jesus Cristo), de Deus para toda a humanidade.

O Cristianismo através dos séculos, rompe com as teias dos sofismas e dos engodos que tentaram embaraçar e engessar o seu processo de avanço e de crescimento, o que só fez com que o mesmo ainda mais se fortalecesse e sobrepujar-se seus obstáculos.

O problema sobre o qual debruçar-se-á a pesquisa pode ser estabelecido a partir dos seguintes questionamentos: Como o Cristianismo chegou aos nossos dias e como aconteceu esse processo através dos séculos? Como se deram os passos que foram decisivos para que a Reforma Protestante pudesse eclodir? Quais são os viés sobre os quais se alicerça o Pentecostalismo? Quais são as características principais do Movimento Pentecostal e quais os seus impactos no Brasil?

Considerando o que foi exposto, procuramos desenvolver este trabalho visando alcançar os seguintes objetivos:

1. Compreender como o Cristianismo se desenvolveu historicamente e como enfrentou as maiores perseguições por parte do Império romano entre os cinco primeiros séculos da Era cristã;

2. Estabelecer os fatores que permitiram e culminaram na Reforma Protestante, compreendendo sua necessidade para o fortalecimento e resgate do Cristianismo Primitivo;
3. Analisar o Movimento Pentecostal, a partir das suas primeiras manifestações, bem como, elucidar seu crescimento e expansão em todo o mundo;
4. Buscar conhecer as influências desse movimento na história e o quanto o mesmo tornou-se determinante para o surgimento de milhares de igrejas e o crescimento do Cristianismo pelo mundo a fora;
5. Fazer uma abordagem sobre o crescimento do movimento Pentecostal até os nossos dias – inclusive em nosso país.

Diante dessa inquirição que se pretende realizar neste trabalho, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica pautada nos teóricos: Altmann (1994), Aquino (1980), Blainey (2012), Cairns (1988), Champlin (1991), Elwell (2003), Freston (1994), González (1986), Lopes (1955), Nichols (1985), Oliveira (1988), E outros autores que discutem o tema.

Este trabalho se divide em três capítulos: No Capítulo I, apresentamos a origem e o desenvolvimento do Cristianismo. Partindo da própria influência do Cristo, do Seu colegiado apostólico, dos seguidores imediatos dos apóstolos – os chamados Pais da Igreja. Compreendendo o quanto o trabalho dos mesmos fora essencial para a permanência e sustentação do Cristianismo nos séculos decisivos para o estabelecimento do mesmo.

Já no capítulo II, estabeleceremos os principais momentos históricos que culminaram com a Pré Reforma, a Reforma Protestante e a participação dos reformadores nesse processo, que trouxeram a igreja uma força poderosa que resgatou a veracidade das Sagradas Escrituras e a importância da Igreja.

Ao chegarmos ao terceiro e último capítulo dessa abordagem, veremos como o Movimento Pentecostal surgiu e como o mesmo se fundamentou a partir dos meados do século XX. Como também, compreenderemos como sua influência chegou a muitos lugares do mundo, contribuindo assim, para a expansão da causa reformada e de maneira marcante em nosso país – o Brasil. Que se constitui numa das maiores nações pentecostais do mundo.

Não temos como ignorar que o Cristianismo veio em boa hora. Afinal, ele correspondia as expectativas de um mundo em ebulição. Não temos como negar que tanto os gregos quanto os romanos, estavam vivendo um momento histórico de muitas inquietudes e mudanças drásticas em seus processos político-social-espiritual. As conquistas romanas traziam à tona as ineficiências dos deuses gregos, o seu panteão, enquanto as problemáticas políticas, socioeconômicas e culturais... Que floresciam tornara o Império Romano, um lugar de intensas batalhas mentais. Muitas questões concernentes a vida e a eternidade, estavam sem respostas.

O Cristianismo surge exatamente nesse contexto, trazendo respostas para muitas dessas indagações filosóficas, teológicas e sociais. Nesse tempo, movidos pelas guerras civis, golpes militares, regimes escravistas... O povo se via vulnerável a tudo que pudesse trazer-lhes esperança, paz e libertação. Surge um Cristianismo que enfrentava tudo isso de frente... Até mesmo o Império! O Cristianismo trazia uma doutrina revolucionária que pregava a igualdade dos povos, uma vida prospera e a certeza de uma vida além túmulo.

Segundo nos informa Aquino (1980, p.358), em sua História das Sociedades, das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais,

Augusto, ao estabelecer o Principado, tentou restabelecer o prestígio da antiga religião nacional romana, procedendo a construção de templos, mas seu esforço de nada adiantou, pois, o Cristianismo só crescia cada vez mais e a sua influência se tornava cada vez mais marcante.

Constata-se que o que fora dito acima pelo autor, vem se tornando cada vez mais evidente em nossos dias, pois, o Cristianismo, desde os seus primórdios até o presente momento, só vem crescendo e sua influência aumentando cada vez mais. Assim podemos entender que estudar essa história, só nos leva a mais perto de uma compreensão mais ampla e mais arraigada do que o Cristianismo se propôs a ser.

CAPÍTULO I - CRISTIANISMO E SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

O Cristianismo se tornou um fato, virou história. E história documental. Poucas histórias vêm sendo tão bem documentadas quanto a História do Cristianismo. Tornou-se parte essencial da vida de milhares e milhões de pessoas ao longo dos tempos e não temos como negar sua influência sobretudo, no mundo do primeiro século.

O mundo ao surgir do Cristianismo estava por demais conturbado e as condições vigentes nessa época não eram nada promissoras. Podemos começar analisando as condições religiosas nesse período. A velha religião dos deuses e das deusas da Grécia e de Roma, que conhecemos através da história da mitologia clássica, tinha perdido muito de sua influência ao tempo do advento do Cristianismo. Augusto, que reinava ao tempo do nascimento de Cristo, muito se preocupou com esse declínio da velha e tradicional religião. Augusto também estabeleceu a religião do Estado. Conforme o seu desenvolvimento posterior veio ela a se constituir em veneração de imagens e estátuas dos imperadores que então reinavam e dos que os antecederam, como símbolos do poder de Roma.

Os antigos mistérios helênicos exerciam grande atração sobre as massas. O orfismo, antigo movimento grego de religião mística que ensinava doutrinas de salvação e vida depois da morte, era representado por muitas irmandades. Da Frígia, veio o culto da Mãe dos deuses e o culto de Attis. Do Egito, veio o culto de Ísis com Serápis ou Osíris. Mais tarde, a mais popular das religiões orientais, a da deusa Mitras, veio do leste da Ásia Menor e era a deusa mascote do exército romano por onde ele ia. Como podemos ver o mundo estava cheio de curiosidade e anseios espirituais. É significativo que em relação ao Cristianismo houvesse três coisas preeminentes: uma crença progressiva num Deus universal; um sentimento de culpa, de pecado, muito generalizado e, em consequência, um anseio, um desejo intenso de purificação, e, por fim, um grande interesse nos problemas do além túmulo.

Outro fator que não podemos descartar, tem a ver com as condições intelectuais do mundo ao surgir do Cristianismo. Quando surgiu o Cristianismo, o pensamento grego não fazia mais progresso. Duas filosofias gregas, o Epicurismo e o Estoicismo, tinha

alcançado considerável crédito, ou melhor, estava em voga no Império Romano, durante os primeiros anos do Cristianismo. Mas nenhuma delas satisfazia a mente dos homens no que respeitava às questões fundamentais e urgentes, como as do pecado e da vida futura que, por assim dizer, os preocupava.

Por fim, citamos as condições morais existentes no momento que o Cristianismo surge no cenário da época. Nesse período podemos dizer que não havia qualquer coisa boa digna de menção. As classes mais altas, sem dúvida, estavam tremendamente corrompidas. Entre as classes média e baixa, todavia, muitos homens e mulheres levavam vida virtuosa, com alguns gestos de nobreza e de bondade. As religiões e filosofias então existentes exerciam pouca influência sobre a vida. Nada existia que pudesse melhorar a situação até que o Cristianismo começou a exercer a sua influência. A tendência da sociedade era para um constante declínio moral. Foi a um mundo entenebrecido, sem esperança e muito corrompido que os primeiros missionários cristãos trouxeram suas boas novas de salvação. Assim,

Historicamente o cristianismo surge na Palestina, região conquistada pelos romanos em 64 a.C., e anexada a Judéia em 40 a.C., governada então por Herodes, o Grande, que após morrer divide a região entre os filhos, fazendo recair o governo da região sobre Herodes Antipas, que fica com a Galileia. Segundo a tradição, aí nasce o Cristo que funda a fé que conquistaria o Império (ARRUDA, 1991, p.269).

Segundo o autor, é a partir desse momento que conseguimos perceber o crescimento e o desenvolvimento do cristianismo e aqui são lançadas as suas bases. Que fincariam a nova doutrina que influenciaria de forma plena a vida no Império. Assim, começava uma nova história – que marcaria por completo o mundo em todos os aspectos.

Podemos entender que o Cristianismo não é um fato ou uma condição isolada na história. Ele é o resultado da relação e da influência de diversos povos que no seu surgir já exerciam forte influência sobre o mundo. Entre eles podemos citar a contribuição dos judeus, dos gregos e dos romanos. O mesmo, sincretizou o misticismo oriental, o messianismo hebraico, o Estoicismo helenístico e o universalismo romano. Fundamentado nas doutrinas de Jesus de Nazaré, cujos ensinamentos estão contidos no Novo Testamento, apresenta como princípios

fundamentais o monoteísmo, a crença na ressurreição, o julgamento futuro, o amor ao próximo, a igualdade entre os homens.

1.1 TRÊS GRANDES INFLUÊNCIAS

Quando o Cristianismo surge, ele herda da ação conjunta de três povos: os gregos, os romanos e os judeus, que de forma indireta, estabelece o solo fértil no qual o mesmo se firmaria. Cada um destes, tiveram sua influência sobre o Cristianismo e para que o mesmo pudesse assim existir e solidificar-se no tempo. Segundo as palavras do apóstolo Paulo, “Deus na plenitude dos tempos... Enviou Seu filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei” (Gálatas 4.4). Ou seja, tudo estava a contribuir para o surgimento daquele que mudaria a história da humanidade – Jesus de Nazaré! Esse fator histórico se constituía na plenitude dos tempos. Para essa plenitude dos tempos contribuíram três povos em especial:

1.1.1 Os gregos

Os gregos contribuíram para a chegada do Cristianismo por seu domínio intelectual e linguístico – o chamado processo de helenização. Os gregos eram nesse tempo, os detentores da vida intelectual mais vigorosa e mais desenvolvida no mundo. Através dos filósofos, muitos questionamentos foram sendo levantados quanto a origem e significado do mundo, a existência de Deus e do homem, o bem e o mal, etc, Tudo quanto se relacionava com as pesquisas filosóficas foi objeto de meditação dos gregos como de nenhum outro povo. Tal disposição pelo saber, pela indagação e pelo questionar, permitiu que o Cristianismo encontrasse um lugar e um espaço na vida de muitos que passaram a conviver com as novas ideias implantadas pelo Cristianismo. Ele nesse sentido, tornou-se na resposta plausível para muitas das indagações sobre o existir. Outra máxima da contribuição dos gregos para o surgimento do Cristianismo fora sem dúvida a disseminação da língua grega – Koinê, tido por dialeto comum entre os povos dessa época. O que veio a favorecer a pregação do Evangelho de Jesus entre muitos povos. Afinal, o Koinê, ou grego popular, tornou-se a língua na qual o

Novo Testamento fora escrito. O que terminara por favorecer a divulgação em escala maior dos ditos do Senhor.

Conforme Gundry (1987, p.4),

Alexandre fundou setenta cidades, moldando-as conforme o estilo grego. Ele e seus soldados contraíram matrimônios com mulheres orientais. E assim foram misturados as culturas grega e oriental.

Percebe-se claramente, que Alexandre o Grande, que veio a falecer aos trinta e três anos de idade, sabia bem aonde queria chegar e usou todos os meios possíveis para que isso se tornasse uma realidade.

1.1.2 Os romanos

Os romanos por sua vez, tiveram participação efetiva na propagação e estabelecimento do Cristianismo entre os povos. Através do seu domínio mundial, os romanos, tornaram-se os senhores do mundo, e pelas alturas de 50 A.D., o império romano abrangia a Europa ao sul do Reno e do Danúbio, a maior parte da Inglaterra, o Egito e toda a costa ao norte da África, como também, grande parte da Ásia, desde o Mediterrâneo à Mesopotâmia. E foi exatamente aí, nas terras adjacentes ao Mediterrâneo que o Cristianismo fora implantado. Outro fato de não somenos importância fora a unificação dos povos sobre a égide de um só governante, o que fazia de Roma um grande e poderoso império. Tal premissa favorecia a máxima do Cristianismo, que pregava um Evangelho igualitário e sem barreiras de raças ou mesmo, condição social. Tornando assim, todos os homens um só em Cristo.

A paz universal, ou seja a Pax Romana, como ficara conhecida, servia de fundamento para tudo aquilo que o Cristianismo difundia enquanto um domínio espiritual universal pacífico – conhecido como O Reino dos Céus. Finalmente, a administração romana, sábia, forte e vigilante, tornou fáceis e seguras as viagens e comunicações entre os povos. O que em muito, favoreceu ao apóstolo Paulo, enquanto cidadão romano, as suas viagens missionárias e conseqüentemente, o crescimento incomum do Cristianismo.

1.1.3 Os judeus

Sabe-se, como nos diz Nichols (1985, p.9), que os judeus prepararam o berço do Cristianismo, fizeram os preparativos para o seu nascimento e o alimentaram na sua primeira infância. Prepararam antecipadamente a vida religiosa em que foram instruídos o Senhor Jesus e todos os cristãos primitivos, inclusive os apóstolos e os primeiros missionários

Esses entre os povos citados, eram os únicos verdadeiramente monoteístas e tinham a missão de evangelizar o mundo. Os primeiros seguidores de Cristo, foram preparados na vida religiosa judaica. Outro aspecto positivo quanto aos judeus consiste na então chamada Esperança Messiânica. A vinda de um salvador, tornará também a mensagem do Cristianismo: Jesus veio e virá outra vez, como salvador da humanidade. A nação judaica, também contribuiu de forma eficaz para o surgimento do Cristianismo, através da herança escriturística ou seja, a produção literária do Velho Testamento. Que serviu de base doutrinária durante muitos séculos. Nesse sentido, a plenitude dos tempos – conforme vaticinada nas Escrituras Neotestamentárias – fora essencial para que o Cristianismo pudesse se tornar uma influência poderosa em termos de religião. Os judeus, como se tem dito, prepararam o berço do Cristianismo.

Mas não temos como negar que o Cristianismo, embora herdeiro imediato do Judaísmo, do paganismo e de outras correntes filosóficas (gregas e romanas), ao exemplo do estoicismo e epicurismo, teve raízes próprias e independentes. Suas doutrinas claramente se tornavam dissociativas das três influências que de alguma forma corroboraram para sua existência. O que faz com que o Cristianismo tenha rumos e diretrizes indissolúveis e particulares. É claro e fácil de constatar que nos meados do primeiro século já tínhamos um Cristianismo autônomo e liberto das teias do judaísmo ortodoxo, livre e desobrigado da doutrinação e dos vínculos judaizantes, que mais desconstruía do que mesmo, agregava valores e estruturas doutrinárias ao Cristianismo. Bem como, tornava evidente a diferenciação doutrinária existente com o paganismo filosófico da época. Conforme Gundry (1987, p.39), muito se tem escrito sobre a larga popularidade e influência das religiões misteriosas dos gregos, egípcios e povos orientais sobre o primeiro século cristão – os cultos de Eleusis, Mitra, Isis, Dionísio, Cibele e inúmeros cultos locais.

Podemos compreender neste contexto, o Cristianismo como uma religião emergente: que surge da relação discipular entre Jesus e os Seus seguidores imediatos – os apóstolos. E é a partir de Sua vida, Seu ministério e Sua visão... Que o Cristianismo passa a se fundamentar na história, conseguindo seu maior crescimento e influência no mundo greco-romano. Fato é que ainda mesmo no primeiro século da nossa Era, o Cristianismo, já havia conseguido alcançar o mundo até então conhecido. E todos nós hoje, ainda somos envolvidos pelas mesmas verdades libertadoras deixadas e promulgadas pelo próprio Cristo. De onde podemos afirmar que tal relação – tem efeitos benéficos e permanentes – na vida de todos aqueles que se tornaram verdadeiros seguidores e discípulos – do Cristo, ao imitá-Lo e obedecê-Lo: no renunciar o mundo, tomar a sua cruz e segui-Lo.

1.2 EXPANSÃO ATRAVÉS DOS APÓSTOLOS

Foi ainda no primeiro século que o cristianismo iniciou a sua expansão, sob a orientação dos doze apóstolos, bem como, através da ação missionária de Paulo, e, depois, através dos seus sucessores. Assiste-se, portanto, a um progressivo aumento dos seguidores de Cristo, sobretudo no interior do Império Romano; nos primeiros tempos do séc. IV constituíam, aproximadamente, 15% da população do Império, e estavam concentrados nas cidades e na parte oriental do império romano. A nova religião difundiu-se, de todos os modos, também para além dessas fronteiras: na Arménia, Arábia, Etiópia, Pérsia, Índia. O poder político romano viu no cristianismo um perigo, pelo fato de reclamar um âmbito de liberdade na consciência das pessoas a respeito da autoridade estatal; os seguidores de Cristo tiveram que suportar numerosas perseguições, que conduziram muitos ao martírio; a última e a mais cruel, teve lugar no início do séc. IV devida aos imperadores Diocleciano e Galério. No ano 313 o imperador Constantino I, favorável à nova religião, concedeu aos cristãos a liberdade de professarem a fé, e iniciou uma política muito benévola para com eles. Com o imperador Teodósio I (379-395), o cristianismo converteu-se na religião oficial do Império Romano. Entretanto, nos finais do séc. IV, os cristãos eram já a maioria da população do império romano.

Neste sentido, estamos muito longe de percebermos todas as arestas construídas pelo Cristo, e muito menos ainda, somos capazes de aquilatar Sua influência, poder e ação no alcançar o homem e trazer-lhe a verdadeira libertação – que jamais ser algum fora capaz de gerar na vida de outro homem. Razão pela qual, sua influência continua ainda hoje notória a todos os homens em todos os lugares do mundo. Ninguém – nenhum ser histórico fora capaz de alcançar tanto o homem em seus processos de libertação – quanto tem sido Jesus para a humanidade hoje.

Um nome de não somenos importância foi sem dúvida o do apóstolo Paulo, nesse franco processo de divulgação e expansão da causa cristã. Através do que se tornou conhecido como as viagens paulinas, o mundo de então conhecido fora poderosamente evangelizado e a influência do Cristo e do Seu Evangelho, tornou-se num poderoso e eficiente mecanismo de libertação para todos os homens.

Mas é digno de nota, que quanto mais o evangelho se expandia e conseqüentemente o Cristianismo florescia, mais intensas se tornaram as perseguições por parte das autoridades romanas. Dez grandes perseguições foram realizadas contra os cristãos nesse período: através de Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurélio, Sétimo Severo, Décio, Aureliano, Valeriano e Diocleciano.

Esse período segundo nos informa Giordani (2002, p.331),

Fora marcado por grandes perseguições, houve seis anos de perseguição e vinte e oito anos de tolerância no século I, oitenta e seis anos de perseguição e quatorze anos de tolerância no século II, vinte e quatro anos de perseguição e setenta e seis anos de tolerância no século III, e treze anos de perseguição no século IV. São assim cento e vinte e nove anos de perseguição religiosa, para cento e vinte anos de tolerância.

Nota-se através desse autor, que o Cristianismo conseguiu avançar e se perpetuar mesmo a despeito da pesada investida do Império em destruir e desestruturar a recém criada religião cristã.

1.3 UM TEMPO DE PERSEGUIÇÃO SEM PRECEDENTE

Como ressalta o autor, esse tempo foi um momento de grande perseguição e instabilidade para a igreja, mas também um tempo de expansão e de crescimento dentro do Império Romano. Tertuliano, escritor cristão do século II, disse: "O sangue dos mártires é a semente da igreja". E isso se tornou uma verdade. Quanto mais a igreja era perseguida, mais ela crescia e triunfava sobre aqueles que tentavam lhe destruir. Nesse primeiro período de perseguição sofrida pela Igreja, não poucos dos seus líderes, desde Estevão, sofreram os mais cruéis tipos de morte.

Nas palavras de Oliveira (1988), segundo a tradição, Mateus sofreu martírio pela espada na Etiópia; Marcos foi arrastado por animal pelas ruas de Alexandria, até morrer; Lucas foi enforcado em uma oliveira, na Grécia. João foi lançado numa caldeira de óleo fervente, desterrado para a ilha de Patmos, vindo a morrer em Éfeso; Tiago irmão de João, foi decapitado por ordem de Herodes, em Jerusalém. Tiago, o menor, foi lançado do templo abaixo, ao verificarem que ainda vivia, mataram-no a pauladas. Filipe foi enforcado em Hierápolis, na Frígia. De Bartolomeu tiraram a pele por ordem de um rei bárbaro; Tomé foi amarrado a uma cruz, e, ainda assim, pregou o Evangelho de Cristo até morrer. André foi atravessado por uma lança; Judas foi morto a flechadas. Simão, o zelote, foi crucificado na Pérsia; Matias foi primeiramente apedrejado e depois decapitado. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo e Paulo foi decapitado, ambos por ordem do imperador Nero. O que faz com que entendamos melhor as palavras de Oliveira (1988, p.23), ao afirmar que "nunca faremos uma justa apreciação das conquistas da Igreja ao longo dos séculos se esquecermo-nos que elas foram alcançadas em meio à mais feroz perseguição".

O que nos leva a reafirmar que o fato de maior destaque na História da Igreja no segundo e terceiro séculos foi, sem dúvida, a perseguição ao Cristianismo pelos imperadores romanos. Apesar da perseguição não haver sido contínua, contudo ela se repetia durante anos seguidos, por vezes. Mesmo quando havia paz, a perseguição podia recomeçar a qualquer momento, cada vez mais violenta. A perseguição, no quarto século, durou até o ano 313, quando o Edito de Constantino, o primeiro imperador cristão, fez cessar todos os propósitos de destruir a igreja de Cristo (HURLBUT, 2002).

Também nos informa Blainey (2012, p.41),

O número de cristãos presos, então, é incalculável. Os crentes desafiadores, que se recusavam a renunciar ao seu Senhor, eram cruelmente torturados em público. Não se poupavam as mulheres: depois de terem o cabelo cortado ou raspado, como forma de humilhação, recebiam o castigo, ainda que tivessem dado à luz recentemente, estivessem grávidas ou fossem idosas.

Observa-se então, que ser Cristão não era nada fácil, sobretudo, frente a uma hostil e brutal perseguição que alcançava a todos indistintamente. Professar a Cristo, era portanto uma atitude de convicção e de certeza em tudo aquilo que se acreditava.

1.4 PATRÍSTICA: OS SUCESSORES IMEDIATOS DOS APÓSTOLOS

O período apostólico fora seguido pelo Período conhecido como Patrístico – ou seja, dos Pais da Igreja, daqueles que se tornaram os sucessores naturais da Igreja pós período apostólico, que vai do segundo ao quinto século da Era Cristã e fora um tempo de fundamentação e manutenção doutrinária. Afinal, o primeiro século já havia terminado, e os apóstolos já não estavam mais entre nós. Um dos últimos a presenciarem e a contribuírem para o desenvolvimento da fé cristã, fora o apóstolo João – que escrevera por volta de 96 d.C., o Apocalipse de Jesus Cristo. Esse período fora um tempo crucial para a sobrevivência do Cristianismo, sobretudo, em meio as desconstruções doutrinárias que visavam destruir a igreja desse tempo. Muitas controversas doutrinárias surgiram nessa época – que se não fosse os Concílios Ecumênicos, teriam arrastado o Cristianismo para meras filosofias e vãs ideologias.

Nesse aspecto, ou ele avançaria em suas fileiras ou se extinguiria nas bases de suas constantes perseguições – doutrinárias e políticas. Razão pela qual, a ação patrística ou dos Pais da Igreja, fora sem sombra de dúvida, imprescindível para o fortalecimento das bases do Cristianismo, num mundo em constante crescimento e evolução. Nele encontramos a ação dos Polemistas e dos Apologistas, que levantaram a bandeira do Cristianismo contra aqueles que visavam destruir as doutrinas essenciais da fé Cristã. É nesse contexto que o Credo da Igreja Cristã é desenvolvido e se torna basilar para todos os cristãos. Nessa Era, fora de grande valor os Concílios Ecumênicos que

dissolveram grande parte das demandas doutrinárias e administrativas da recém formada religião cristã.

Grandes vultos surgidos nesse ínterim foram como que poderosa influência tanto filosófica quanto teológica para que o Cristianismo não se dissolvesse – pelas constantes heresias tão prementes nesse tempo. Tais personagens ficaram conhecidos na história do Cristianismo – como Apologistas (do grego "apologestai", que significa "defender, justificar") e Polemistas: por defenderem o Cristianismo através dos seus profícuos escritos. Nomes como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo, Papias, Justino, Clemente de Alexandria, Atanásio, Cirilo, Tertuliano, Orígenes, João Damasceno, Irineu de Lyon, João Crisóstomo, Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzeno, Cipriano, Hipólito, Santo Agostinho etc., foram peças decisivas para a proliferação e o crescimento do Cristianismo nesse momento tão sombrio.

Devemos considerar que estes fizeram fortes oposições as falsas doutrinas que se seguiram e aos constantes perigos que as heresias traziam para a vida da igreja. Do segundo século até o Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., surgiram diversas correntes de pensamentos em torno da natureza de Cristo, gerando grandes controvérsias, que só foram decididas em concílios. Discutia-se se Jesus era só divino ou só humano, ou se ambos, quanto de divindade ou de humanidade tinha ele, e como as duas naturezas se relacionavam na pessoa de Cristo.

1.4.1 Os Pais Pós-Nicenos do Oriente

Os pais da parte oriental da igreja pertenceram àquilo que deve ser chamado de escolas alexandrina e antiocana de interpretação. Homens como Crisóstomo e Teodoro seguiram a escola antiocana. Eles enfatizavam o estudo histórico-gramatical da Bíblia e evitaram a tendência alegorizante praticada pelos seguidores da escola alexandrina, ainda influenciados por Orígenes. Vejamos alguns exemplos: Crisóstomo (347-407), expositor e orador, nasceu por volta de 245 numa rica família da aristocracia de Antioquia. Foi instruído nos clássicos gregos e na retórica, o que lhe deu bases para sua excelente capacidade de falar. Por algum tempo, praticou a advocacia, mas após seu batismo em 368 fez-se monge. Era extremamente asceta

(pessoa que se entrega inteiramente aos exercícios espirituais e as penitências) em sua ênfase sobre a simplicidade de vida. A maioria de suas homilias ou sermões são exposições das Epístolas de Paulo.

Teodoro (350-428), exegeta e interpretador da Bíblia, foi chamado de “o príncipe dos exegetas antigos”. Ele não aceitava o sistema alegórico de interpretação e propunha uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu uma atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto; Eusébio (265-339), historiador da Igreja, é um dos pais da igreja mais amplamente estudado por todos os méritos e merecedor do título de Pai da História da Igreja. Sua maior obra é a História Eclesiástica, um panorama da história da igreja dos tempos apostólicos até 324. Seu propósito era fazer um relato das dificuldades passadas pela igreja ao fim deste longo período de luta e começo de uma era de prosperidade.

1.4.2 Os Pais Pós-Nicenos do Ocidente

Os pais da Igreja Ocidental neste período sobrepujaram em muitos campos os do oriente. A tradução da Bíblia e dos escritos dos filósofos pagãos, junto com a produção de tratados teológicos integra o todo de sua obra. Vejamos alguns exemplos: Jerônimo (340-420), comentarista e tradutor, natural de Veneza, foi batizado em 360. A sua maior obra foi uma tradução latina da Bíblia conhecida como Vulgata. Em 388, ele tinha completado a revisão do Novo Testamento latino cuidadosamente cotejado com o grego. Ele se serviu do grego da versão Septuaginta do Antigo Testamento.

A versão da Bíblia feita por Jerônimo tem sido amplamente usada pela igreja ocidental e tem sido, até recentemente, a única Bíblia oficial da Igreja Católica Romana desde o Concílio de Trento; Ambrósio (340-397), administrador e pregador, demonstrou sua capacidade nos campos da administração eclesiástica, pregação e teologia. Falou contra os poderosos grupos arianos e não hesitou em se opor ao Imperador Teodósio. Embora suas exposições práticas da Bíblia tenham sido limitadas pelo uso do método alegórico, foi um pregador de talento. Sua pregação na catedral de Milão foi o instrumento para levar Agostinho ao conhecimento do cristianismo e resultou em sua

salvação. Possivelmente foi ele que introduziu o cântico de hinos e a salmodia antifonal na igreja ocidental.

Agostinho (354- 430), filósofo e teólogo, aprendeu latim à força e odiou tanto o grego que jamais aprenderia para usar fluentemente. Em 386 aconteceu a crise de conversão. Meditando um dia num jardim sobre a sua situação espiritual, ouviu uma voz próxima à porta que dizia: “tome e leia”. Agostinho abriu sua Bíblia em Romanos 13.13,14 e a leitura trouxe luz para sua alma. Despediu sua concubina e abandonou sua profissão.

Foi ordenado sacerdote em 391, e cinco anos depois bispo de Hipona. Ele foi apontado como o maior dos Pais da Igreja. Deixou mais de 100 livros, 500 sermões e 200 cartas. A formulação de uma interpretação cristã da história deve ser tida como uma das contribuições permanentes deixadas por este grande erudito cristão. Agostinho exalta o poder espiritual sobre o temporal ao afirmar a soberania do Deus que se tornou o Criador da história no tempo. É visto pelos protestantes como um precursor das ideias da Reforma.

Nesse tempo surgiu novos desafios para a causa do Cristianismo – o ser permitido por Constantino e o ser reconhecido por Teodósio, fazendo do Cristianismo uma influência menos poderosa em meio as realidades do seu tempo. Através do Edito de Milão (313), promulgado por Constantino, que permitia a liberdade de culto aos cristãos, até a conversão do Cristianismo em religião oficial do Estado romano, por Teodósio, o Cristianismo enfrentou inúmeras fases que trouxe-lhe prejuízos incontáveis para o seu desenvolvimento.

Segundo nos informa Blayne (2012, p.43),

Um ano depois de assumir o poder, Constantino se reuniu com Licínio, para discutirem uma política relativa às religiões. Seu Edito de Milão se referia de maneira favorável aos cristãos - ou catócos, como eram às vezes chamados. O edito estabelecia: "Os cristãos e todos os outros devem ser livres para seguir a religião que preferirem, de modo que o Deus que habita o Céu possa ser propício a nós e aos que estiverem sob nossas ordens." Os cristãos, que por dez anos tinham visto suas igrejas confiscadas pelo capricho do imperador em exercício, alegraram-se com a notícia de que elas lhes seriam devolvidas.

Como podemos ver, nesse tempo o Cristianismo veio a exercer grande influência, tendo como seu aliado nada mais nada menos do que o próprio imperador. Assim, nas palavras de Curtis (2003, 29),

A igreja passou de perseguida a privilegiada. Em um período de tempo surpreendentemente curto, suas perspectivas mudaram por completo. Depois de séculos como movimento contra cultural, a igreja precisava aprender a lidar com o poder. Ela não fez todas as coisas de maneira correta. A própria presença dinâmica de Constantino modelou a igreja do século IV, modelo que ela adotou daí em diante. Ele era um mestre do poder e da política, e a igreja aprendeu a usar essas ferramentas

Mas isso, que parecia ser uma vitória e um ônus para o Cristianismo, veio a ser um dos seus piores pesadelos, com o continuar dessa relação. A igreja perdeu força, descaracterizou-se, tornando-se mundana e secularizada. O resultado de tudo isso, foi uma igreja sem poder, sem rumo e sem história.

1.5 DOCTRINAS FILOSÓFICAS CONTROVERSAS

Ao passo que o Cristianismo se solidificava e crescia, cresciam também as filosofias e divergências doutrinárias, o que fez com que a Igreja tivesse que compor seus Concílios Ecumênicos (no total de 21 ao todo), com o fim de tratar tais demandas ideológicas. Entre as principais correntes podemos citar:

1.5.1 Ebionismo (séc. II a V)

Jesus era um homem comum que possuía dons incomuns, mas não era divino. Rejeição do nascimento virginal. O Cristo encarnou-se em Jesus somente por ocasião do batismo e afastou-se dele no final de sua vida. Esta doutrina pretendia resolver a questão da divindade de Jesus e a concepção monoteísta de Deus. Esta corrente era a influência do judaísmo dentro das igrejas. Hoje, o unitarianismo, alguns liberais e teólogos da libertação defendem ideias semelhantes.

1.5.2 Arianismo (séc. III e IV)

Jesus era um ser criado, apesar de ser o mais elevado dos seres, portanto não era divino e não tinha existência própria. Somente Deus o Pai é eterno e a origem de todas as coisas. Baseavam-se em textos bíblicos que sugeriam inferioridade ou imperfeição de Jesus em relação ao Pai (João 14:28, Marcos 13:32). Ário (256-336), bispo de Alexandria, foi o autor desta heresia que causou muita polêmica nos primeiros séculos da era cristã. O arianismo foi condenado no concílio de Nicéia (325) e Ário foi exilado, mas sua doutrina não morreu, continuando a gerar polêmica e causando divisão entre as igrejas cristãs. Finalmente foi banido pelo imperador Teodósio I (379). Uma variedade do arianismo subsiste até hoje através das Testemunhas de Jeová.

1.5.3 Docetismo

Essa doutrina não tem um fundador específico ou uma época precisa para o seu surgimento. Surgiu muito cedo no meio religioso. Adotada como um 'estilo de vida' religioso acabou por ser incorporado por várias outras doutrinas, em que tomou forma de expressão.

Esta doutrina, dentro do cristianismo, ensina que o Filho de Deus não se tornou humano, sua humanidade era aparente: o divino, essencialmente puro e santo, não poderia habitar em um corpo carnal, essencialmente mau. Palavra grega significando 'parecer', afirmava também que Jesus não sofreu na cruz, afirmando que isso também foi aparente. É impressionante o desenrolar dessa doutrina. Algo contra o que Jesus mais advertiu "tomar cuidado com a aparência das coisas" é exatamente o que esse ensinamento prega. As coisas de Deus não aparentam ser, ou elas são, ou elas não são. E, Jesus era! Não aparentemente, mas em verdade: o Verbo se fez carne e habitou entre nós, diz João.

Também nós devemos ter extremo cuidado com o "parecer", parecer ser cristão, parecer estar bem, parecer amar, parecer adorar, parecer ser bom... Esta é a forma docética da religião dos dias de hoje. "A aparência do mal é pior do que o próprio

mal”, diz Paulo. Isso se aplica a todas as áreas da nossa vida. Devemos ser “sim” ou “não”. Devemos ser autênticos e viver um cristianismo autêntico, em sua essência.

1.5.4 Nestorianismo

Um dos maiores erros que se viram a partir do Arianismo foi justamente essa heresia sobre a pessoa de Cristo que teve início com Nestório, bispo de Constantinopla Criou uma teoria visualmente herética, já que o Arianismo do século anterior já tentava modificar a essência de Cristo e agora o Nestorianismo ia além pois ensinava que Cristo passou a ser Deus em um determinado momento, ou seja, não o foi sempre.

Segundo o Nestorianismo, Jesus Cristo tinha duas naturezas distintas, uma humana e outra divina, completas e afeiçoadas de tal forma que formam um Jesus homem, a exemplo de gêmeos siameses: possuidor de natureza divina e humana estando conjuntas em uma união mecânica, muito mais do que orgânica (juntos, porém diferenciados). Fica claro que Nestorio confundia os termos “natureza” e “pessoas” misturando-os de uma forma aterradora. As duas naturezas de Cristo (humana e divina) para Nestorio era a mesma coisa de dizer que eram duas pessoas. Na verdade ele sinonimizou natureza e pessoa. Esta teoria foi condenada e Nestório foi expulso do patriarcado de Constantinopla em 431 d.C.

1.5.5 Apolinarianismo

Devido a Apolinário (310-390 d.C.), que fora Bispo de Laodicéia no fim do século 4, defender uma cristologia heterodoxa, esta recebeu seu nome. Enquanto o Arianismo defendia que Cristo não era Deus, o Apolinarianismo ia contra o ensino que Cristo possui a natureza humana, alegando que Cristo era apenas Deus, indo contra a doutrina da encarnação, onde o Verbo se fez carne e habitou entre nós, que está muito evidente no capítulo 1 do Evangelho de João.

O ponto crítico desta corrente girava em torno do conceito da mente de Cristo. Segundo Apolinário, Cristo possuía mente (ou espírito) divino, o que o impossibilitaria de passar por tentações genuínas. Segundo Hebreus 2:14-17, Jesus participou de humanidade como a nossa, para que houvesse o completo efeito da expiação. Os ensinamentos do apolinarianismo também foram declarados heréticos, através do Concílio

de Constantinopla (381), onde os teólogos Basílio “O Grande”, Gregório, Bispo de Constantinopla, e Gregório Bispo de Nissa, também conhecidos como Pais Capadócijs, o rejeitaram de forma veemente. Apesar de Apolinário ter levantado certo grupo de discípulos, seus ensinjs não permaneceram e seu movimento se desfez.

1.5.6 Eutiquianismo

Também conhecida por Monofisismo. Esta concepção de Cristo foi formulada por Eutiques (ou Êutico, 378-454 d.C.), que fora líder de um mosteiro em Constantinopla. O Eutiquianismo ensinava que a natureza divina de Jesus havia absorvido a natureza humana, gerando conseqüentemente um ser com uma terceira natureza. Esta doutrina é preocupante, pois anula Cristo como verdadeiro Deus e como verdadeiro homem, o único que pode nos trazer salvação. Este falso ensino foi refutado em 451 no Concílio de Calcedônia.

1.5.7 Cristologia funcional

Doutrina moderna (séc. XX) que dá ênfase ao que Jesus fez e não no que Ele é, alegando ser este o destaque do Novo Testamento. Esta doutrina, entretanto, despreza uma porção significativa de conceitos ontológicos (essência, natureza) sobre Jesus que são apresentados de modo explícito no Novo Testamento.

Foram os Concílios Ecumênicos responsáveis por tratar e condenar tais afirmações heréticas por parte daqueles que tentavam desvirtuar ou mesmo, desacreditar que Cristo fosse cem por cento homem e cem por cento Deus. Entre os Concílios de Nicéia (325) e de Calcedônia (451) vários dos mais capazes Pais da Igreja Cristã desempenharam o seu ministério. Procuraram eles estudar a Bíblia em bases mais científicas a fim de desenvolverem melhor a teologia cristã. Devido à força cristalina de suas obras e de suas influências sobre a Igreja de sua época, Agostinho foi o maior desses pais.

1.6 O INÍCIO DO CLAMOR POR UMA REFORMA

Desse tempo em diante (com o início da Idade Média), até meados do decimo quarto século (fim da Idade das Trevas), o Cristianismo deixou de ser a máquina transformadora dos aspectos sociais, morais, éticos e espirituais, para se tornar num mecanismo sem poder e influência dos bastidores de uma política desmedida e partidária.

Nas palavras de Lopes (1955, p.14), citando João Trithemius, em 1485, diz que o clero era recrutado entre homens que não tinham conhecimento nem consciência; que se ocupam mais em gerar filhos do que em adquirir livros; amantes da bebida e do jogo e completamente desprovidos do temor de Deus. Só com o advento do Período da Pré-Reforma, novas luzes foram lançadas sobre as densas trevas Medievais, trazendo ou mesmo, resgatando as bases doutrinárias, éticas e morais do Cristianismo. Fazendo com que o mesmo, pudesse de novo se reerguer na continuidade de sua historicidade.

De lá para cá, já se vão mais de vinte séculos, onde as mesmas premissas e verdades, vem sendo mantida por todos aqueles que foram impactados pelas verdades essenciais do Cristianismo, que tem em Cristo – sua fundamentação, construção e desenvolvimento – tanto doutrinário, quanto moral, ético, social e espiritual.

CAPITULO II - PROTESTANTISMO: O INÍCIO DA IGREJA REFORMADA

Antes de falarmos propriamente do que fora a Reforma Protestante – quanto aos seus avanços e progressos, quanto as transformações que a mesma gerou no seio dessa nova igreja emergente, queremos compreender um pouco do contexto sobre o qual a mesma aconteceu. Afinal, é através de um contexto histórico que a Reforma se torna possível e necessária. Sobre tudo, porque por volta de 1500, um novo mundo em expansão estava surgindo. Fatores de ordens políticas, econômicas, geográficas, sociais e sobretudo, intelectuais, estavam transformando o início do século XVI. Tais fatores, além da própria ação dos chamados pré-reformadores, contribuíram de forma eficaz para que a Reforma Protestante se tornasse uma realidade e viesse a impactar o mundo.

Como vimos, a igreja do fim da Idade Média, nem ao menos poderia ser reconhecida como igreja. Era tudo menos a Igreja de Jesus Cristo – aos moldes do primeiro século. Muitos foram os fatores que contribuíram para a degeneração da igreja da “Idade das Trevas”. A Igreja que até então era vista como “Luz em meio as Trevas”, estava imersa em “Densas Trevas”, o que fazia com que a Igreja se tornasse cada vez mais insignificante no processo de libertação e de transformação dos homens.

2.1 DETECTANDO AS FALHAS, COMPREENDENDO O CONTEXTO

Conforme nos diz Nichols (1990, p.128), a Igreja Medieval falhou sobretudo, em três aspectos principais: 1. Quanto à corrupção do seu clero – aquilo que por certo tempo era a grandeza dessa igreja, tornou-se motivo de fraqueza, em função da autoridade que os sacerdotes exerciam. Tais privilégios e poderes, não deixaria de prejudicar o seu caráter. Igualmente prejudicial foi a enorme riqueza pertencente à Igreja usufruída pelo seu clero, particularmente pelos elementos da alta hierarquia; 2. Quanto a degradação da religião – afinal, por esse tempo, já se vivia uma forma adulterada do Cristianismo. Essa igreja permitiu que o Evangelho fosse substituído por uma religião de ritos sacramentais que outorgavam uma salvação mágica; orações aos espírito bondosos da Virgem e dos santos; medo injustificável dos maus espíritos; relíquias

milagrosas; maldições e absolvição dos sacerdotes entre tantas outras; e 3. Quanto ao abandono do povo – em virtude do clero, cujo caráter já descrevemos, ter fugido quase inteiramente aos seus deveres, o povo sobre sua responsabilidade estava sendo descuidado e ignorado. E assim, raramente os bispos inspecionavam as igrejas sob seus cuidados.

Esses fatos revelam o quanto a igreja desse período estava desencontrada e longe dos seus ideais em se tratando das perspectivas de Deus. Quanto mais o tempo passava, mais longe a mesma ficava de ser uma representante de Deus aqui na terra. O que fazia com que a Reforma se tornasse uma necessidade para que a igreja pudesse soergue e sobreviver das cinzas das Trevas Medievais.

2.2 OS PRÉ-REFORMADORES – O CAMINHO DE ABERTURA PARA A REFORMA

Ao longo dos séculos 14 e 15, alguns movimentos foram surgindo com o fim de fazer frente aos ensinamentos heréticos e as práticas da Igreja Medieval. Mas, tais movimentos foram reprimidos com sangrenta perseguição. Mas o sangue que deles fora derramado, serviu de adubo e de impulso para o que viria a ser construído e levantado como fator de transformação da Igreja Medieval – A Reforma Protestante!

Um deles foi encabeçado por João Wycliff (1325-1384), um sacerdote e professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Wycliff atacou as irregularidades do clero, as superstições (reliquias, peregrinações, veneração dos santos), bem como a transubstanciação, o purgatório, as indulgências, o celibato clerical e as pretensões papais. Seus seguidores, conhecidos como os lolardos, tinham a Bíblia como norma de fé que todos devem ler e interpretar. Traduziu o Novo Testamento para o Inglês e seus seguidores foram exterminados por Henrique V.

Outro, foi por João Huss (c.1372-1415), um sacerdote e professor da Universidade de Praga, na Boêmia, foi influenciado pelos escritos de Wycliff. Definia a igreja por uma vida semelhante à de Cristo, e não pelos sacramentos. Dizia que todos os eleitos são membros da igreja e que o seu cabeça é Cristo, não o papa. Insistia na autoridade suprema das Escrituras. Huss foi condenado à fogueira pelo Concílio de Constança.

Seus seguidores ficaram conhecidos como Irmãos Boêmios (1457) e foram muito perseguidos. Foram os precursores dos Irmãos Morávios. Foi João Huss, que profetizou acerca do surgimento de Lutero cem anos antes desse nascer. Vocês matarão um ganso (Huss significa ganso), mas daqui a cem anos surgirá um cisne ao qual não podereis matar (LUTERO, p.103).

Outro expoente incluído entre os pré-reformadores foi Jerônimo Savonarola (1452-1498), um frade dominicano de Florença, na Itália, que pregou contra a imoralidade na sociedade e na Igreja, inclusive no papado. Governou a cidade por algum tempo, mas finalmente foi excomungado e enforcado como herege e seu corpo queimado na praça de Florença em 1498.

Como temos visto, essa época fora caracterizada por grandes infortúnios quanto a se querer elevar o nível da Igreja. Na tentativa por se reformar a igreja, muitos pagaram com suas próprias vidas. Inúmeros foram os escárnios, as espoliações sofridas, o martírio enfrentado por muitos, o isolamento, a tortura... Mas tudo isso, apenas regava o fértil solo da Reforma Protestante.

Conforme nos informa Cairns (1988, p.221),

Alguns fatores tornaram inevitável a Reforma. Entre muitos, pode-se destacar: A relutância da Igreja Católica medieval em aceitar as mudanças sugeridas por reformadores sinceros como os místicos, Wycliffe e Huss, os líderes dos concílios reformadores e os humanistas; o surgimento das nações-estados, que se opuseram ao poderio universal do papa e a formação da classe média, que se revoltou contra a remessa de reservas para Roma. Sua fixação ao passado, clássico e pagão, indiferente às forças dinâmicas que estavam formando uma nova sociedade, a italiana, da qual o papado fazia parte, adotou uma forma de vida corrupta, sensual e imoral, embora ilustrada.

Como falamos acima, os fundamentos da velha sociedade medieval estavam ruindo e por volta de 1500, uma nova sociedade, com uma dimensão geográfica muito ampla e com transformações nos padrões políticos, econômicos, intelectuais e religiosos, começava a surgir. A síntese medieval foi desafiada durante a Reforma, em sua política, pela ideia que a igreja universal deveria ser substituída por igrejas nacionais ou estatais e igrejas livres. A sua filosofia escolástica, unida à filosofia grega, deu lugar

à teologia bíblica protestante. Os sacramentos e as obras deram terreno à justificação pela fé somente.

2.3 FATORES DECISIVOS PARA A REFORMA PROTESTANTE

Conforme nos leva a entender Cairns (1988, p.221), inúmeros fatores contribuíram para que esse novo mundo estivesse em expansão. Entre eles citamos:

2.3.1 Mudanças Geográficas

Em 1517 as descobertas de Colombo e de outros exploradores inauguraram uma era de civilização oceânica, em que os mares do mundo tornaram-se as estradas do mundo. Ao tempo em que Lutero traduzia o Novo Testamento para o alemão, em 1522, o navio de Magalhães completava a sua volta ao mundo. As rotas marítimas para as riquezas do Oriente Antigo eram já uma realidade. Países católicos romanos, como Portugal, Espanha e França, tornaram-se líderes nas navegações, enquanto as nações protestantes, como Inglaterra e Holanda, logo os alcançariam em exploração e colonização.

2.3.2 Mudanças Políticas

O conceito medieval de um estado universal estava dando lugar ao novo conceito de nação-estado. Estas nações-estados, com poder central e com governos fortes, servidas por uma força militar e civil, eram nacionalistas, opondo-se ao domínio de um governo religioso universal. A unidade política do mundo medieval foi substituída pelas nações-estados, todas empenhadas em sua independência e soberania. Diante da independência de cada estado, o novo princípio do balanço do poder, orientador das relações internacionais, tomou o seu lugar de importância das guerras religiosas do século XVI e XVII.

2.3.3 Mudanças Econômicas

Surpreendentemente, algumas mudanças econômicas ocorreram um pouco antes da Reforma. Durante a Idade Média, a economia dos países da Europa baseava-se na agricultura, sendo que fazia do solo a base da riqueza. Por volta de 1500, o ressurgimento das cidades, a abertura de novos mercados e a descoberta de fontes de matéria-prima nas recentes terras descobertas inauguram uma era de comércio, em que a classe média mercantil tomou a frente da nobreza feudal na liderança da sociedade. A classe média capitalista emergente não interessava o envio de suas riquezas à igreja universal sob a liderança do papa em Roma. Pelo menos no norte da Europa, esta reação influenciou a Reforma.

2.3.4 Mudanças Sociais

A organização social horizontal da sociedade medieval, onde se morria na classe em que se nascia, foi substituída por uma sociedade organizada sob traços verticais. Era possível a alguém da classe baixa emergir à alta. Nos tempos medievais, quem fosse filho de servo teria pouquíssima chances de mudar de condição, exceto se fosse servir na igreja. A servidão estava desaparecendo e uma nova classe média, inexistente na sociedade medieval, formada especialmente por proprietários livres, pela pequena nobreza da cidade e pela classe mercantil começou a surgir. Em linhas gerais, foi essa classe média fortalecida que garantiu as mudanças introduzidas pela Reforma no noroeste da Europa.

Podemos, neste aspecto, compreender o que nos diz Altmann (1994, p.30), “num contexto social de cristandade, qualquer reforma da sociedade teria que passar necessariamente pela reforma da igreja, e desta haveria de receber vigoroso impulso”.

2.3.5 Mudanças Intelectuais

As transformações intelectuais provocadas pelo Renascimento, criaram um clima intelectual que favoreceu o desenvolvimento do protestantismo. O interesse pela volta às fontes do passado levou os humanistas cristãos do norte ao estudo da Bíblia nas

línguas originais. Deste modo, as diferenças entre a Igreja Primitiva e a Igreja Apostólica Romana tornaram-se claras, para prejuízo da organização eclesiástica, medieval e papista. A ênfase renascentista no indivíduo foi um fator preponderante no desenvolvimento do ensino protestante de que a salvação era uma questão pessoal, a ser resolvida pelo indivíduo em íntima relação com Deus, sem a interferência de um sacerdote como mediador humano. O espírito crítico do Renascimento foi usado pelos reformadores para justificar sua crítica à hierarquia e aos sacramentos, mediante comparação com as Escrituras. Embora o Renascimento na Itália tivesse contornos humanistas e pagãos, as tendências que gerou foram assumidas no norte da Europa pelos humanistas e reformadores cristãos e por eles usadas para justificar o estudo da Bíblia no original como documento básico da fé cristã.

2.3.6 Mudanças Religiosas

A uniformidade religiosa medieval deu lugar, no início do século XVI, à diversidade religiosa. A autoridade da Igreja Romana foi substituída pela autoridade da Bíblia, de leitura livre a qualquer um. Os padrões estáticos da civilização medieval foram substituídos pelos padrões dinâmicos da sociedade moderna. As mudanças no setor religioso não foram as menos importantes que ocorreram na civilização europeia ocidental.

Nesse sentido como pudemos ver, a Reforma Protestante foi um avanço do Cristianismo rumo a novos tempos. Foi também, seu momento de libertação das cadeias do religiosismo católico-apostólico-romano. Nada foi tão decisivo para a vida da Igreja do que a Reforma social e espiritual que a igreja passou – a partir do século XVI.

2.4 OS CINCO PILARES DA REFORMA

A ação dos Pré-reformadores – entre eles Savonarola, Wycliff e João Huss, como já citado, construiu os pilares que fundamentou a histórica Reforma Protestante – que através dos seus fundamentos – resgatou de novo o equilíbrio e a cara do Cristianismo Apostólico do primeiro século: através do que ficou conhecido como: Os cinco pilares

da reforma: Sola Scriptura - Somente as Escrituras; Sola Fide - Somente a Fé; Sola Gratia - Somente a Graça; Solus Christus - Somente Cristo e Soli Deo Gloria - Somente a Deus a Glória. Em essência, tudo isso se caracterizava numa volta aos preceitos bíblicos da Igreja Neo-testamentária e resgatava em essência tudo aquilo que deveria ser vivido por toda a cristandade.

Como vimos, a ação dos Pré Reformadores fora essencial para desencadear a visão e os nortes que a Reforma Protestante encabeçaria posteriormente. Inúmeras foram as tentativas por reencaminhar a igreja a centralidade do que caracterizava a vida cristã e o verdadeiro discipulado cristão. Mas muito pouco fora alcançado. A Igreja continuava a construir ideologias e fundamentos que se tornavam aspectos de fé – que ainda mais embaraçava a vida da igreja e a desencaminhava dos preceitos de Cristo. Então, surgiram o que ficou conhecido como Reformadores.

Estes homens expuseram suas vidas com o fim de resgatar o Cristianismo – da então igreja institucionalizada. Mas que já não tinha nada de igreja e muito menos de cristã. Os Reformadores tiveram um papel central na transformação da igreja do século XVI. Onde os mesmos através de uma doutrina fundamentada na Palavra de Deus, contribuíram para que o Cristianismo pudesse ser resgatado em sua doutrina – aos moldes da Igreja Primitiva.

O Cristianismo precisava voltar as suas origens e bases doutrinárias – que por longos séculos fora sendo perdido e descaracterizado da vida da Igreja Cristã. Nesse aspecto, a Reforma passou a ter um papel indiscutivelmente necessário. A Igreja do século XV, precisava se reencontrar e se reinventar. Somos ousados a dizer, que a bem da verdade não tínhamos uma igreja no sentido lato da palavra. Tínhamos apenas uma instituição que se intitulava de Cristianismo.

2.5 AS CAUSAS DA REFORMA

Vários fatores foram de singular importância na construção dos ideais reformista e que podem ser vistos como sendo as causas da Reforma Protestante. Entre eles podemos citar: o fator político – considerado como uma das causas indiretas para a eclosão da Reforma; a atenção dada a economia – como fator principal nos assuntos humanos;

o fator intelectual dado à postura crítica adotada por homens de mentes lúcidas; o fator moral da Reforma está intimamente relacionado ao intelectual – os estudiosos humanistas que possuíam o Novo Testamento em grego, perceberam logo a discrepância entre a Igreja sobre a qual liam no Novo Testamento e a Igreja Católica Romana que viam; mudanças nas estruturas social aumentaram a decepção das pessoas com a Igreja Romana; o fracasso da Igreja em satisfazer as reais necessidades do povo constituiu o que poderíamos chamar fator teológico ou filosófico da Reforma e por fim, o que poderíamos chamar de o fator inquietação – decorrente dos abusos praticados pela Igreja Romana – como nos casos das práticas das indulgências.

Quanto a tudo isso, a história da Reforma Protestante se entrelaça com a história de muitos homens que foram decisivos para a construção dos ideais reformistas: entre eles citamos Lutero, Calvino, Zwinglio... Que encetaram a bandeira de uma igreja que precisava urgentemente se renovar e se reformar...

Mas antes de adentrarmos na vida desses homens e de falarmos do seu legado para a causa reformista, precisamos compreender um pouco sobre estas bases que serviram de alicerces para que a Reforma Protestante pudesse se tornar uma realidade consistente.

2.6 COMPREENDENDO A IGREJA DO SÉCULO XVI

Gostaríamos de enfatizar o que era a igreja do século XVI, e como a mesma vivia. Historicamente falando, a igreja do século XVI, é a herdeira natural da igreja da Idade Média. Que ao meu ver não tinha mais nada de igreja. Ela, se encontrava num franco processo de decadência moral, social, cultura e espiritual. A venda das indulgências é prova incontestável dessa verdade. A própria base da Reforma Protestante através de Lutero, visava bater de frente com tais princípios heréticos e anticristãos que estavam por impregnar a Igreja. Claro estava, que a mesma precisava se reformar. As noventa e cinco teses de Lutero, rebatiam e corrigiam a falácia das indulgências.

No dizer de Cairns (1988, p.230), “foi o famoso protesto de Lutero nas 95 teses contra o abuso das indulgências que precipitou a avalanche dos acontecimentos que resultaram na Reforma na Alemanha e que se espalhou pela a Europa.”

Segundo Champlin (1991, p.475),

A Reforma Protestante sem dúvida nenhuma não foi um erro. Teve e tem seus pontos bons e necessários. Foi uma convocação à liberdade e um retorno a Bíblia. Por outra parte, por seu lado negativo, a história do protestantismo, é uma massa confusa de igrejas e credos em competição, de hostilidades, de lutas pelo poder, e de uma interminável fragmentação.

Segundo o mesmo autor, a atitude de protesto e de reforma pode ser visto em um passado muito anterior, que apresentavam ideias que divergiam daquelas da cristandade organizada. Poderíamos citar os albigenses e os Waldenses, os quais, embora não tenham sido protestantes quando à doutrina em geral, opunham-se à autoridade papal e buscavam uma manifestação independente.

2.7 DEFININDO O PROTESTANTISMO

No seu sentido mais amplo, “Protestantismo”, denomina todo o movimento dentro do Cristianismo que se originou na reforma do século XVI e que mais tarde centrou-se nas principais tradições da igreja reformada – Luterana, Reforma Calvinista e Anglicano/Episcopal, continuando com os batistas, metodistas e pentecostais.

O termo deriva-se do ‘protesto’ entregue por uma minoria de autoridades luteranas e reformadas na Dieta Imperial Alemã em Speyer em 24 de abril de 1529, numa dissidência causada por uma ordem imposta que proibia a renovação religiosa. O protesto, nesse sentido, era ao mesmo tempo, uma objeção, um apelo e uma afirmação. Perguntava-se em tons urgentes: Qual é a Igreja verdadeira e santa? E asseverou: “Não há nenhuma pregação ou doutrina segura senão aquela que permanece fiel à Palavra de Deus. Segundo o mandamento divino, nenhuma outra doutrina deve ser pregada. Todo o texto das santas e divinas Escrituras deve ser elucidado e explicado por outros textos. Esse Livro Santo é necessário, em todas as

coisas, para o cristão; brilha claramente na sua própria luz e é vista iluminando as trevas. Estamos resolutos, pela graça de Deus e com a Sua ajuda, a permanecermos exclusivamente na Palavra de Deus, no santo evangelho contido nos livros bíblicos do Antigo e do Novo Testamento. Somente a Palavra de Deus deve ser pregada e nada que seja contrário a ela. É a única verdade. É o juiz certo de toda doutrina e conduta cristã. Não pode nos enganar nem mesmo lograr.

Desse modo, os luteranos e outros defensores da reforma passaram a ser conhecidos como protestantes. Essencialmente, o protestantismo é um apelo a Deus em Cristo, às Sagradas Escrituras e à Igreja Primitiva, contra toda a degeneração e apostasia.

Assim, o caminho para o ressurgir de uma nova igreja estava sendo aberto. Claro estava também que este processo não sairia barato. Retaliações haveriam de acontecer – o que ficou conhecido como A Contra Reforma – que seria a iniciativa de inibir e frear o avanço do Protestantismo e de sua influência. O fato é que o Protestantismo – enquanto a nova face da Igreja do século XVI, haveria, portanto, de romper com as malhas do Cristianismo institucional – que estava por matar e destruir a essência do Cristianismo dos primórdios da nossa era. Um novo tempo começava; e uma nova construção passava (com a chegada do Protestantismo), a ser erguida nos escombros da falida igreja católica romana.

2.8 A REFORMA E OS REFORMADORES

O nome e o sentido dados à Reforma são condicionados pela visão do historiador. O católico romano entende-a apenas como uma revolta protestante contra a igreja universal. O protestante considera-a como uma reforma que fez a vida religiosa voltar aos padrões do Novo Testamento.

A Reforma não se explica de forma tão simples, porque as suas causas são múltiplas e complexas. Ela tem causas derivativas e determinativas. As personalidades criativas de alguns líderes da Reforma, como Lutero, Calvino e outros, determinaram a direção tomada. Os líderes da Reforma Protestante saíram, em geral, da classe média, enquanto que os da Contrarreforma vieram da aristocracia.

Segundo nos informa Hurlbut (1996, p.139), “três foram as principais influências que conduziram a Reforma Protestante: a Renascença, a Invenção da Imprensa e o Espírito Nacionalista”.

Neste cenário toma forma um movimento chamado de Renascimento, que segundo Cotrim (1997, p. 222), “o Renascimento foi marcado pelo desenvolvimento do espírito crítico nacionalista, disposto a experimentar hipóteses e a examinar livremente os problemas.”

A renascença teve seu início na Itália e pelo menos três foram as influências que favoreceram seu aparecimento: 1) O enfraquecimento repentino dos dois poderes da Idade Média – o papado e o Império Romano; 2) O poder imperial que entrara em colapso no fim do século XIII; 3) A mudança do papado para Avinhão, na França, no começo do século XIV.

Era o despertar da humanidade de um sono quase que eterno! Todas as faculdades da natureza humana foram maravilhosamente despertada e todas as atividades humanas apresentaram substanciais progressos. O movimento renascentista foi ampliado com a grande invenção da imprensa por João Gutenberg, da Mogúncia, Alemanha, pelos idos de 1450. Esta arte espalhou-se com muita rapidez de sorte que muitos livros que eram propriedades de uns poucos, foram multiplicados e espalhados entre um número maior de pessoas. Mais de trinta mil publicações apareceram antes do ano 1500.

Nas palavras de Oliveira (1988, p.68), “nessa época, Cristóvão Colombo descobriu a América, e Pedro Álvares Cabral, o Brasil. Maravilhoso ainda foi a descoberta do sistema solar de Copérnico.”

Também nos informa Nichols (1990, p.139), “as descobertas geográficas provocaram a rápida expansão do comércio e da indústria e despertaram em todas as nações europeias veemente desejo de colonização”.

O mais importante centro do Renascimento italiano foi Florença, se bem que influenciou muitas outras cidades.

Com o pontificado de Nicolau V (1447-1455), a renascença achou pela primeira vez, poderoso patrono no chefe da igreja, e Roma se tornou sua sede principal. A fundação

da biblioteca do Vaticano se deve a ele. Esse e outros papas, representaram a renascença italiana em épocas diferentes; no entanto sob nenhum aspecto representaram também o espírito real de uma igreja que, para milhões, era fonte de conforto nesta vida e a esperança no porvir. Nem mesmo esse papado representava a vida religiosa da Itália. Desse modo o renascimento só atingiu as classes cultas e superiores. Mesmo assim, o povo mais simples respondia aos apelos dos pregadores do evangelho e ao exemplo daqueles que consideravam santos, ainda que, infelizmente, poucas vezes com resultado permanentes, exceto em casos individuais. É também neste aspecto da renascença – renovação ou renascimento cultural – que encontramos uma preparação direta para o advento da reforma da religião.

A disseminação da língua grega contribuiu para que os homens lessem o Novo Testamento no original. E quando comparavam os belos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos com a vida da igreja que estava ao redor deles, muitos famosos humanistas se converteram, se transformando em destemidos reformadores. Isto foi o que se verificou principalmente na Alemanha, França e Inglaterra.

Nessa época a Bíblia adquiriu posição incomum na vida dos homens de cultura; e, na proporção que isso acontecia, a igreja papal caminhava para o maior flagelo de sua história - a Reforma.

2.8.1 Martinho Lutero e a Reforma na Alemanha (1483-1546)

João Huss, um dos mais famosos precursores da Reforma, no momento da sua execução, disse em alto e bom som: “Podem matar o ganso (na sua língua “huss” é ganso), mas daqui a cem anos surgirá um cisne que não poderão queimar”. Cem anos após ditas estas palavras, isto é, em 1483, em Eisleben, na Turíngia, nascia Martinho Lutero.

Lutero teve um preparo religioso com base na piedade simples da família alemã da Idade Média, misturado de realismo e superstição características da era medieval. Na sua infância, foi profundamente religioso, mas sem exageros. O grande desejo do seu pai era vê-lo formado em Direito e, para tanto, com a idade de apenas dezoito anos, ingressou na mais famosa Universidade alemã - a de Erfurt. Levou quatro anos de

estudos preliminares. Durante esse tempo, destacou-se como um moço estudioso, orador capaz, hábil polemista, amante da música e admirado pelos colegas.

Já estava preparado para iniciar sua vida profissional quando, de repente, para o espanto dos amigos e desapontamento do pai, tornou-se monge, entrando para o Convento dos Agostinianos, em Erfurt. Desejava a certeza da salvação mais do que qualquer outra coisa, e, com o propósito de alcançá-la empreendeu peregrinações aos locais indicados pela igreja, jejuns e sacrifícios que às vezes iam além do suportável por uma pessoa normal. No mosteiro, travou consigo mesmo uma grande guerra interior, pois não encontrava ali aquilo que esperava alcançar. Foi um monge de vida exemplar. Quanto mais ele tentava alcançar Deus de acordo com os ritos da igreja medieval, mais distante de Deus ele se sentia. Foi através do Evangelho que libertou-se de tanta angústia e terror espiritual. Ele era um ardente leitor da Bíblia, especialmente naquilo que se relacionava com o seu ensino na Universidade.

- **Uma descoberta revolucionária:** No início do ano 1512, enquanto lia a Epístola de Paulo aos Romanos, Lutero encontrou a declaração revolucionária: “O justo viverá pela fé” (Rm.1.17). Estas palavras incendiaram-lhe a mente com vislumbres da verdade que procurava há tanto tempo. Descobriu que a salvação lhe pertencia, simples e unicamente por fé na obra que Cristo consumou na Cruz. E foi com o intuito de melhor compreender esta verdade, que empreendeu cuidadoso estudo das Escrituras, e das obras de grandes mestres cristãos, como Agostinho e Anselmo.

Lutero tinha convicção da verdade que descobriu nas Escrituras e da magnitude das decisões que tomaria a partir daí na defesa da mesma. Essa experiência trouxe novo impulso à sua vida religiosa – impulso necessário ao seu trabalho de reformar a igreja que havia sido paganizada. Por mais de quatro anos Lutero trabalhou em Wittenberg, decepcionado com a igreja mas sem romper com seus líderes. Nessa época, adquiriu projeção como um dos mais destacados líderes da sua Ordem. Ele tinha uma capacidade extraordinária de citar as Escrituras e aplicá-las às necessidades espirituais e morais do povo do seu tempo. As verdades recém descobertas fizeram dele um pregador notável e dotado de evidente unção do Espírito Santo. Quanto mais ele falava das verdades bíblicas que descobria, mais claras elas se tornavam.

- **As indulgências:** Para Lucci (1984) a razão principal pela qual Lutero incitou uma reforma na Igreja foi o envio de padres dominicanos para a Alemanha, por parte do papa Leão X, a fim de fazerem a arrecadação de recursos para finalizar a construção da Basílica de São Pedro, em Roma. A forma abusiva com que aconteciam as vendas de indulgências fez com que Lutero se manifestasse, protestando contra a maneira como a Igreja conduzia tal arrecadação. Porque de acordo com a Igreja, todos os que colaborassem teriam seus pecados absolvidos.

Numa localidade próxima a Wittenberg, em 1517, apareceu um frade dominicano alemão enviado pelo arcebispo de Mogúncia para vender indulgências emitidas pelo papa de Roma. Indulgências era algo que, apresentadas como favores divinos, concedida aos homens, mediante os méritos do papa, pelo perdão dos pecados. As mesmas eram adquiridas em troca de dinheiro que, conforme os que as vendiam, seria usado na construção da Basílica de São Pedro, em Roma. Nessa perspectiva nos afirmar Lopes (1955, p.25):

Todos os pecados, passados, presentes e futuros, eram perdoados aos compradores da bula de indulgência, e é claro que os que pagavam bom dinheiro por ela queriam tirar o maior proveito possível da transação.

Tendo chegado ao conhecimento de Lutero através do confessorário, ele convenceu-se de que o tráfico das indulgências estava desviando o povo do ensino de Deus e enfraquecendo seriamente a vida moral da Igreja. Foi então que decidiu enfrentar tão grande erro e abuso.

Lucci (1984), mostra que Lutero, então, se mostrou indignado por perceber que a venda de indulgência tinha cunho unicamente financeiro, sem valor espiritual. Lutero escreveu 95 teses e afixou na porta da capela do castelo de Wittenberg, condenando a conduta abusiva do clero e a venda de indulgências. Para o reformador, a salvação era somente pela fé. Esse posicionamento incitou muitas discursões com o padre dominicano Tetzel, responsável pela cobrança de indulgências na Alemanha, tendo sido nomeado pelo papa para exercer tal função.

- **As noventa e cinco teses:** Lutero via as indulgências como um verdadeiro assalto aos poucos recursos do povo e completo desrespeito ao futuro eterno do povo alemão.

Foi assim que, em outubro de 1517, quando grande multidão comparecia à igreja do castelo na cidade de Wittenberg, para a festa de Todos os Santos, que ele afixou na porta da catedral, as suas noventa e cinco teses, denunciando o abuso gritante da venda das indulgências papais.

Conforme nos afirma Hurlbut (1996, pg.141), “a data exata fixada pelos historiadores como início da grande Reforma foi registrada como 31 de outubro de 1517, na manhã desse dia, Martinho Lutero afixou as suas noventa e cinco teses”.

Seffner (1993) mostra que Lutero introduziu as teses explicando que sua intenção não era ser contra as doutrinas da Igreja, mas ajudá-la a rever as mesmas doutrinas sob a luz das Escrituras Sagradas. Acreditava que assim que fosse entendida sua intenção a Igreja iria apoiá-lo, pois tudo o que escreveu poderia ser sustentado nas Sagradas Escrituras (Novo Testamento). Ele expos suas conclusões no intuito de auxiliar a Igreja a rever sua forma de conduzir o povo.

Lutero acreditava que receberia o apoio do papa ao revelar os males da venda das indulgências. Inicialmente, o papa achou graça nas teses de Lutero, dizendo: “Um alemão embriagado escreveu-as”. Mas não tardou para que ele mesmo tivesse que mudar de ideia e começasse a agir contra esse “monge rebelde”. A primeira atitude do papa Leão X foi intimar Lutero a comparecer em Roma. Mas o caso foi resolvido mesmo na Alemanha, devido a intervenção do Eleito da Saxônia, que resolveu protegê-lo e não permitiu que ele fosse a Roma. Na frente dos enviados do papa, Lutero declarou que o papa não possuía autoridade divina e que os concílios eclesiásticos não eram infalíveis. Com essas declarações estava concretizado o rompimento de Lutero com a Igreja Romana. Ele agora estava no centro da batalha. Sua doutrina de salvação e justificação pela fé estava produzindo efeitos inimagináveis. Em 1520, Lutero revelou-se como um grande líder nacional, ao escrever o livro “A Nobreza Cristã da Nação Alemã”.

- **A excomunhão de Lutero:** Enquanto era publicado o livro acima, a bula de excomunhão de Lutero era promulgada. A bula obrigava Lutero e os simpatizantes da sua causa, a retratarem-se de suas “heresias” dentro de 60 dias, e ainda determinava que se eles não o fizessem seriam tratados como hereges, isto é, seriam presos e condenados à morte. As autoridades da igreja ordenaram ao povo que queimassem

os livros de Lutero, ação que foi posta em prática primeiramente pelos legados do papa. Conforme nos diz Hurlbut (1996, p.143), “os decretos do Papa chamavam-se “bulas”; a palavra bula quer dizer “selo”. O nome é aplicado a qualquer documento selado com selo oficial”.

Do outro lado, em dezembro de 1520, em Wittenberg, Lutero, convidava os estudantes para assistirem a queima dos “livros maus dos decretos papais e dos teólogos escolásticos”. Diante de grande multidão de estudantes, professores, cidadãos de todas as classes, ele atirou à fogueira os livros e a bula que o ameaçava de excomunhão caso não se retratasse.

Em janeiro de 1521, o papa publicou a terrível sentença. Lutero foi excomungado e condenado a todas as penalidades consequentes da sua heresia. Mas, para que essa bula tivesse efeito legal, dependia da confirmação da Dieta do governo do Imperador Carlos V.

Lutero, parti para Worms, mais antes, dá ordens acerca da continuação do trabalho, caso ele não voltasse mais. Durante a sua viagem, o povo afluiu em massa para ver o grande homem que desafiava a autoridade do papa e foi acompanhado por uma grande multidão ao entrar na cidade. No dia seguinte foi levado perante o Imperador Carlos V, ao lado do qual se achavam o delegado do Papa, seis eleitores do império, vinte e cinco duques, oito margraves, trinta cardeais e bispos, e sete embaixadores, os deputados de dez cidades e grande número de príncipes, condes e barões. Sabendo que tinha de comparecer perante uma das mais imponentes assembleias de autoridades religiosas e civis de todos os tempos, Lutero passou a noite anterior em oração e vigília, prostrado com o rosto em terra lutou com Deus, chorando e suplicando.

No dia seguinte, ao transpor a porta, Lutero se viu perante a Dieta. Quando o porta-voz do papa exigiu que ele se retratasse perante a assembleia respondeu o Reformador: “Se não me refutardes pelo testemunho das Escrituras ou por argumentos – desde que não creio somente nos papas e nos concílios, sendo evidente que já muitas vezes se enganaram e se contradisseram uns aos outros – a minha consciência tem de ficar submissa à Palavra de Deus. Não posso retratar-me...”. Em 15 de julho de 1520, veio a bula de excomunhão (LOPES, 1955, p.25).

Os representantes do papa queriam que a sentença de morte contra Lutero fosse cumprida rapidamente, o que não aconteceu, porque o príncipe da Saxônia, simulando um sequestro, enquanto Lutero voltava para Wittenberg, levou-o, ao castelo de Wartburgo. No castelo, Lutero passou muitos meses disfarçado; tomou o nome de cavaleiro Jorge, e o mundo o considerava morto.

Contudo, no seu retiro, livre dos inimigos, foi-lhe concedida a liberdade de escrever, e o mundo logo soube, pela grande quantidade de literatura, que essa obra saíra da sua pena e que, de fato, Lutero vivia. Profundo conhecedor do grego e do hebraico, traduziu o Novo Testamento para a língua do seu povo, em apenas três meses. Poucos meses depois a obra estava impressa e nas mãos do povo. Contudo, a maior obra de toda sua vida, sem dúvida, fora a de dar ao povo alemão a Bíblia na sua própria língua.

Segundo nos afirmar Hurlbut (1996, p.157), “Lutero morreu quando visitava o local em que nasceu, em Eisleben, a 18 de fevereiro de 1546, aos sessenta e três anos de idade”. Concluímos essa história citando o que nos disse Altmann (1994, p.27), “a marcante importância de Lutero em seu tempo e sua relevância ainda hoje são por demais evidentes para que se possa ignorá-lo”.

2.8.2 Zwínglio e a Reforma Suíça (1484-1531)

Segundo nos diz Hurlbut (1996, p.145):

Enquanto a Reforma estava ainda em início na Alemanha, eis que o mesmo espírito despontou também em muitos países da Europa. A Reforma na Suíça despontou independente por completo do movimento da Alemanha.

A suíça do século XVI era formado por um povo de espírito patriótico e amigo da democracia. Mas, como em outros lugares da Europa, a Igreja Suíça tinha sobre si o monopólio político dos governadores e as diretivas religiosas do papa de Roma. O povo não estava satisfeito com o que vinha acontecendo, o que contribuiu para que a Suíça tomasse novos rumos políticos e religiosos com a nova concepção da vida resultante do Renascimento.

Nas palavras de Olson (2001, p.407), os reformadores suíços (Zwínglio e Calvino), dedicaram mais atenção ao organizar e sistematizar a nova teologia protestante. “De modo que a teologia proveniente do trabalho deles é usualmente identificada como reformada, ao passo que a de Lutero é chamada luterana ou evangélica”.

Zwínglio, graças a influência do tio que era pároco em Wildhaus, vila onde morava, conseguiu educação esmerada, tendo chegado a estudar em universidades famosas como as de Viena e de Basileia. Teve como mestres, muitos homens tidos como grandes expoentes do pensamento renascentista, destacando-se o grande humanista Tomás Wyttenbach, que marcou-lhe a vida por ensinar-lhe a divina autoridade da Bíblia, a morte de Jesus Cristo como o preço único do perdão e a inutilidade das indulgências. Zwínglio tornou-se sacerdote, somente por haver outros clérigos na família.

- **Suas ideias evangélicas:** Em Glarus, Zwínglio teve a sua primeira paróquia. Foi aí que aprofundou-se nos estudos das Escrituras, à luz do ensino reformista. No dizer de Lopes (1955, p.29), “O mesmo era culto, estudava os clássicos, e amava profundamente a Bíblia. Com suas próprias mãos copiou as epístolas de Paulo e as sabia de cor. Cabe aqui uma observação: é que todos os reformadores foram homens de estudo e de cultura e tinham profundo amor à Palavra de Deus, conhecendo-a profundamente”.

Depois, residindo como sacerdote em Einsiedeln, lugar onde iam muitos peregrinos, ficou profundamente triste e revoltado com o espírito idólatra e as superstições reinantes entre o povo daquela cidade, alimentadas pela Igreja Romana. Comparando essas práticas medievais com o ensino prático das Escrituras, ele inclinou-se gradualmente para as verdades do Evangelho. Em 1519, Zwínglio já era tido como pregador notável, pregou em Zurique, de onde sua fama se espalhou por toda a região. Por esse tempo, foi acometido de grave enfermidade que, em vez de fazê-lo esmorecer, aprofundou ainda mais sua vida religiosa.

Em 1522 publicou um livro através do qual falava abertamente dos motivos do seu afastamento da Igreja Romana. Por esse tempo, em virtude de distúrbios provocados pelos inimigos de Zwínglio, foi convocado o Concílio de Zurique, que se propunha pôr fim à controvérsia religiosa. Após demorado e caloroso debate, Zwínglio fez uma

declaração de fé de acordo com os princípios fundamentais da Reforma: o sacerdócio universal de todos os cristãos. A sua declaração enfatizava principalmente: 1) Os homens são salvos por Deus por meio da fé em Cristo; 2) Exaltou a autoridade da Bíblia; 3) Atacou a autoridade do papa, a missa e o celibato do clero. No final do Concílio, a causa de Zwínglio era declarada vitoriosa e assim, a Suíça rompia definitivamente com a Igreja Romana.

- Diferenças entre Lutero e Zwínglio: Grande esforço foi feito com o propósito de juntar luteranos e zwínglianos de todo o interior da Alemanha e Suíça, com o propósito de formarem uma liga defensiva, contra possíveis ataques da igreja papal. Por essa razão fora marcada uma conferência entre os dois líderes, Lutero e Zwínglio. Para a formação dessa liga, necessário se fazia que houvesse harmonia doutrinária entre ambos, o que não foi possível. Eles concordaram em catorze dos quinze artigos que definiam os assuntos básicos da fé cristã, mas diferiam na doutrina da Santa Ceia.

Por um lado, Lutero defendia o princípio de que “o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo” eram recebidos pelos comungantes ao lado do pão e do vinho; do outro, Zwínglio defendia que o sacramento é um memorial da morte do Senhor e que a Sua presença é unicamente espiritual. Aqui teve início a primeira das grandes divisões do protestantismo nos ramos “Luterano” e “Reformado”.

Embora não tivesse se destacado tanto quanto Lutero, Zwínglio foi visto também como um servo fiel e destemido, e um líder nobre e sábio que deu inspiração ao seu povo. Realizou um trabalho permanente para a causa do Cristianismo em seu país. Nas palavras de Lopes (1955, p.31), “Zwínglio foi morto por um soldado ao ser atravessado por sua lança. Em sua morte o mesmo afirmou: ‘Podem matar o corpo, mas não podem matar a alma’. Seu corpo foi esquartejado e queimado, e as cinzas foram espalhadas ao vento”.

2.8.3 Calvino e a Reforma em Genebra (Suíça)

João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509 na França. Teve a sua infância em dias que a Igreja Romana e suas credices tinham forte influência sobre o povo que se dispunha a crer em qualquer coisa absurda. Foi enviado a Paris quando tinha apenas

quatorze anos de idade, para realizar os estudos preparatórios para a sua carreira eclesiástica. Cinco anos depois, o pai decidiu que o filho deveria estudar Direito. Depois do falecimento de seu pai em 1531, Calvino deixou o direito e resolveu seguir sua própria vocação: enveredar pela cultura das letras.

Criado no Catolicismo, declarou-se protestante em 1533 e, ao fim daquele ano, acompanhado de outros protestantes, teve de fugir de Paris em virtude de forte e violenta perseguição. Esteve por três anos em Basileia onde escreveu o livro *A Instituição Cristã*, pelo que foi honrado como um dos mais ilustres líderes do protestantismo. Esse livro era um tratado de teologia e declaração sistemática de verdade cristã sustentada e defendida pelos protestantes e destinado ao uso popular.

- **Início da reforma em Genebra:** Genebra era socialmente próspera, mas de baixo nível moral. Fazia pouco tempo que ali triunfara a Reforma sob a liderança do famoso pregador Guilherme Farel. A cidade conquistara sua independência numa guerra contra seu bispo que era também um senhor feudal. Foi assim que, por um edital de 27 de agosto de 1535, a religião de Roma deixou de ser religião de Genebra. A Reforma chegou a Genebra de mãos dadas com a liberdade. Não obstante o muito que já tinha sido feito, Farel verificou que era apenas o início da luta e se considerava incapaz de continuar sozinho. Perplexo sobre o que fazer, foi informado de que Calvino estava em sua cidade naquela noite. Foi ao seu encontro e convidou-o a ficar em Genebra.

Calvino não demonstrou nenhum interesse em aceitar seu convite e alegou estar muito ocupado com seus estudos e pesquisas. Foi aí que, como num último e desesperador apelo, o velho pregador disse a Calvino: “Digo-te, em nome de Deus Todo-Poderoso, que estás apresentando os seus estudos como pretexto. Deus te amaldiçoará se não nos ajudares a levar adiante o Seu trabalho, pois doutra forma estarias buscando a tua própria honra em vez da de Cristo!”.

O reformador cedeu e ficou. Diante do enfático apelo, Calvino mesmo confessou: “Senti como se Deus tivesse estendido a sua mão do céu em minha direção para me prender fiquei tão aterrorizado que interrompi a viagem que havia encetado”.

Iniciadas as suas atividades, em pouco tempo o trabalho de Calvino resultou em desastre. Muita gente não estava com o coração predisposto à Reforma e a oposição dessa gente resultou na expulsão de Calvino e Farel.

Saindo de Genebra, Calvino esteve por três anos em Estrasburgo, pastoreando uma igreja protestante de franceses exilados pelas perseguições. Enquanto isso as coisas em Genebra iam de mal a pior. Então o povo, que já conhecia a capacidade de Calvino, convidou-o a voltar a Genebra, apelo que ele atendeu sem relutância.

Por sua obra em Genebra, Calvino alcançou três benefícios para o Protestantismo em geral: 1) A vida moral da cidade; 2) Genebra foi transformada na cidade de refúgio para os perseguidos por causa da Reforma; e 3) Foi também um lugar de preparação para os líderes do Protestantismo. Foram preparados ministros devotados, instruídos, que se espalharam como missionários da Reforma, pelos países onde está ainda não havia entrado. Muitos dos refugiados mais tarde voltaram aos seus países de origem.

- Calvino e a Reforma na França: Embora Calvino estivesse ausente da França há vinte e sete anos, permanecia como líder da Reforma naquele país. Seus livros, principalmente *A Instituição Cristã*, eram espalhadas como relâmpago por todo o país, as quais eram aceitas e propagadas por humanistas franceses, que eram estudiosos das Escrituras. Mas quando os livros de Lutero começaram a circular na França, foi grande a perseguição levantada contra todos quantos defendiam os pontos de vista de origem reformista. Segundo a visão de Lopes (1955, p.32):

Calvino escreveu numerosos livros, tratados, comentários e sermões, e suas obras completas foram 59 volumes. Teodoro de Beza informa que ele pregava cerca de 286 vezes por ano e que dissertou sobre assuntos teológicos 180 vezes. Em 1559, fundou a Universidade de Genebra.

Em 1538 o rei Francisco I decidiu mover forte e incessante campanha contra o ensino reformado. Foi no ardor das perseguições que Calvino tornou-se o líder mais eficaz do movimento protestante no país, dirigindo-o através de cartas e por meio de jovens pregadores enviados de sua escola em Genebra. Não obstante o sangue derramado e muitos mortos, a Reforma espalhou-se por quase toda a França. Mas, só em 1559 foi organizada uma igreja protestante nacional.

Conforme nos informa Lopes (1955, p.31), “Calvino morreu em Genebra no dia 27 de maio de 1564. Viveu apenas 55 anos. Segundo o mesmo autor, foi uma ‘Vida curta, mas extraordinária, cheia de obras e de lutas, de grandes realizações, influência perene’. Seu nome imortalizou-se na história da humanidade como o de um dos maiores homens que existiram”.

Conforme nos diz Blainey (2012, p.125), “Calvino não queria a fama depois da morte. Mantendo sua oposição à prática católica das peregrinações e temendo que seu túmulo se tornasse alvo dos peregrinos, ele expressou o desejo de que não fosse revelado o local de seu sepultamento”.

CAPITULO III - PENTECOSTALISMO – SUA BASE HISTÓRICA E SEU DESENVOLVIMENTO ATÉ OS NOSSOS DIAS

"Eu me coloco em chamas, e o povo vem de toda parte para me ver queimar" - John Wesley (respondendo à pergunta de como ele atraía as multidões).

Como diz Nichols (1985, p.216), “forte entusiasmo apoderou-se da vida religiosa da Inglaterra, afugentando a indiferença e o desinteresse que marcou a primeira metade do século XVIII.”

Como podemos entender, a Inglaterra enfrentava um forte declínio moral e espiritual. Os bispos e arcebispos da época – que tinha a responsabilidade de conduzir a vida religiosa do povo, na sua grande maioria, eram homens mundanos. Razão pela qual, fora preciso que Deus levantasse homens com o firme propósito de restabelecer a ordem e a moralidade. Entre eles estava João Wesley.

Foi em meio às incertezas quanto ao futuro da Igreja na Inglaterra, que Deus levantou João Wesley, através do qual haveria de sacudir aquela nação, e trazer ao mundo o impulso religioso mais forte já ocorrido depois da Reforma.

João Wesley nasceu em 1703, seu pai era um dos ministros mais zelosos que havia na Inglaterra e sua mãe uma mulher de vida santa e de altas virtudes cristãs. Já adulto, foi estudar em Oxford, onde se destacou como homem de letras. Entrou para o ministério e serviu por alguns anos na paróquia do seu pai. Voltando depois a Oxford como professor de grego, tornou-se líder de um grupo de estudantes que eram extraordinariamente escrupulosos e metódicos em suas observâncias religiosas e deveres escolares. Por isso foram conhecidos como Metodistas, ou do Clube Santo. Entre eles estavam o irmão de João Wesley, Carlos, e um estudante pobre de Gloucester chamado George Whitefield, que se tornaram em colaboradores, mais tarde em seu ministério.

Se converteu em 1738, durante um movimento religioso em Londres. Sobre essa experiência, ele mesmo confessou anos depois: “Senti que confiei em Cristo, em Cristo somente, para minha salvação e alcancei grande segurança e a certeza da purificação dos meus pecados, dos meus próprios pecados, e librei-me da lei do

pecado e da morte”. No ano seguinte, realizou o primeiro trabalho que o firmou como líder de um grande avivamento. Em 1739, pregou ao ar-livre a um grupo de gente humilde, perto de Bristol. A partir daí, quase por cinquenta anos, Wesley trabalhou infatigavelmente.

Seu irmão Carlos destacou-se como eficiente pregador, mas sua principal contribuição para o reavivamento foi dada através dos seus hinos – cerca de seis mil; e Whitefield desenvolveu enormes atividades como evangelista itinerante. Os dois foram proibidos de pregar nas igrejas oficiais, pois o alvoroço às vezes provocado pela pregação destes ministros, era desagradável para aquela época caracterizada pela moderação e restrição em todas as coisas. Depois passaram a sofrer amarga oposição dos clérigos até serem expulsos.

Surgiu então um partido poderoso, denominado “Evangélicos”, composto de clérigos e leigos que foram influenciados pelo movimento vivificador. Tal influência se fez sentir na religião pessoal, na pregação e em toda a obra ministerial, como também no trabalho dos leigos.

- Organização da Igreja Metodista: Um dos grandes resultados do reavivamento de Wesley, foi a formação de uma nova igreja – a Metodista. Wesley não desejava esse resultado. A organização da nova igreja foi coisa a que se viu forçado a aceitar e reconhecer. Por muitos anos o clero anglicano o antipatizou e hostilizou, até que os “Evangélicos” se tornaram bastante fortes e influentes, até mesmo os não-conformistas, isto é, as igrejas Livres, não apoiavam nem auxiliavam o seu trabalho. Gradualmente ele transformou suas sociedades com os respectivos pregadores em igrejas, e, em 1784, a Igreja Wesleyana ou Metodista foi definitivamente organizada. Sete anos depois, quando Wesley faleceu, a igreja contava com setenta e sete mil membros.

Milhares de pessoas passaram de um cristianismo teórico e morto, para o Cristianismo vivo e prático. Muitos deles pertenciam às classes trabalhadoras, e foi assim que uma poderosa influência espiritual dominou esta parte da sociedade inglesa. O amor de Deus sentido e experimentado com novo poder que procedeu do reavivamento por toda a parte anunciado, impulsionava os homens ao amor e ao serviço em favor dos seus semelhantes.

Nessa época surgiu o abençoado movimento de ensino bíblico popular, denominado “Escola Dominical”. A primeira escola foi iniciada em 1780 por Robert Raikes, um jornalista cristão, culto e rico, de Gloucester. A escola de Raikes era destinada a crianças pobres que cresciam na ignorância, ministrando educação religiosa acompanhada de alfabetização e ética em geral. Nessa época, ilustres cristãos destacaram-se como líderes de movimentos de interesses nacionais, tais como: reformas penitenciárias e contra o trabalho imposto aos menores.

- **Os movimentos missionários:** O maior de todos os resultados do reavivamento por ação de Wesley, foi o moderno movimento missionário. Coube a Guilherme Carey, sapateiro e pregador leigo batista, iniciar o movimento missionário. Ele impressionou seus ouvintes com a visão que tinha, de ver o mundo pagão convertido a Cristo.

Em 1792, ele organizou a “Sociedade Batista Para a Propaganda do Evangelho Entre os Pagãos”. O primeiro missionário por ela enviado foi o próprio Carey, destinado a realizar um nobre trabalho na Índia. O exemplo dos batistas foi logo imitado. A “Sociedade Missionária de Londres” foi organizada em 1795, formada principalmente pelos Congregacionais, e a “Sociedade Eclesiástica Missionária”, em 1799, pelos “Evangélicos” da Inglaterra. Os metodistas também organizaram seu trabalho missionário. Tal entusiasmo missionário se espalhou pela Escócia, América e pelo continente europeu.

Segundo nos apresenta Blainey (2012, p.153),

O credo e os métodos de Wesley, que ele não pretendia servissem de base a outro credo, acabaram por levar a uma nova seita que se espalhou pelo mundo. Embora a princípio ele organizasse tudo minuciosamente - ou ditatorialmente - como se fosse a única pessoa capaz de fazer isso, a seita cresceu mais depois de sua morte. Em um século, a metodista era a maior Igreja dos Estados Unidos, e provavelmente a segunda na Inglaterra e no País de Gales, pela quantidade de fiéis presentes ao serviço de domingo. Na Austrália e na Nova Zelândia a Igreja ocupava o quarto lugar, e destacava-se em muitas outras regiões. Aos olhos de um renomado historiador, Wesley pode ser comparado a Napoleão ou Gandhi, como formador da História moderna. Outros historiadores talvez não compartilhem dessa opinião, mas poucos negariam sua influência.

Como pudemos ver, o desenvolvimento do Protestantismo, culminou com o surgimento de inúmeros movimentos históricos – entre eles o Pentecostalismo, objeto de nossa análise de estudo. Foram as ondas de avivamento ao longo dos séculos que trouxeram uma nova força e alavancagem para o cristianismo reformado que estava por se consolidar na história.

3.1 AVIVAMENTO WESLEYANO – AS BASES DO PENTECOSTALISMO MODERNO (PÓS REFORMA)

O Pentecostalismo como o conhecemos hoje e que faz parte de inúmeros Movimentos e Igrejas em nossos dias, é fruto direto do avivamento do século XVIII, conhecido como Avivamento Wesleyano. Avivamento este, que trouxe uma nova condição história para a igreja. Fruto imediato das ações reformistas do século XVI. O mesmo tem sido marcado por um grande despertar espiritual, que levou a igreja a um novo patamar de espiritualidade e de santidade para com Deus. Poderíamos até chamá-lo de “Nova Reforma”. Afinal, ele não só resgatava o ardor espiritual como também, encetava a mesma base doutrinária que fora pertinente para a eclosão da Reforma Protestante.

Para Souza (2004), “desassociar Pentecostalismo e Reforma seria mutilar o fenômeno sob a alegação de uma taxionomia, uma necessidade de classificação, meramente teológica e sem o menor respaldo do método da análise sociológica”.

É importante destacar que os registros históricos do movimento o associam em parte às igrejas protestantes, de onde os membros fundadores de igrejas pentecostais saíram, em função de uma renovada dimensão de espiritualidade (BAXTER, 1992).

Segundo nos escreve Nichols (1990, p.212) “João Wesley, foi o homem que Deus levantou para sacudir a vida religiosa da Inglaterra e trazer ao mundo o impulso religioso mais forte que ocorreu depois do tempo da Reforma.”

Nesse sentido não temos como negar que foram inúmeras as contribuições que a vida de João Wesley trouxe para o crescimento e avivamento da igreja – que por sua vez desaguaria no surgimento do Pentecostalismo.

João Wesley nasceu em 1703 em Lincolnshire, se converteu em 1738 e desenvolveu um longo ministério de pregação e ensino da Palavra por quase cinquenta anos.

Considerando as palavras de Nichols, (1990, p.215),

A pregação do Reavivamento não era, como disse Wesley, nada de novo. Era a proclamação da livre graça de Deus em Cristo Jesus, e da salvação livre, gratuita, pela fé no salvador; era o convite de Deus ao arrependimento e à fé.

O pentecostalismo pode ser entendido em sua origem como um movimento de reforma carismática evangélica que usualmente acha suas raízes num irrompimento do falar em outras línguas em Topeka, Kansas, em 1901, sob a liderança de Charles Fox Parham, que tinha sido um pregador metodista. Foi Parham quem forneceu a doutrina pentecostal básica da “evidencia inicial” depois de uma estudante na sua Escola Bíblica de Betel, Agnes Ozman, ter experimentado a glossolalia em janeiro de 1901.

Mas foi através do trabalho de William Joseph Seymour, discípulo de Parham, que o Pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos. Ficando conhecido como Avivamento da rua Azuza, ocorrido em 1906. A importância de Seymour, segundo Matos (2011), está no fato que foi devido ao trabalho ímpar liderado por ele na Rua Azuza que levou o pentecostalismo a se tornar um “fenômeno internacional e mundial”.

Conforme Cairns (1988, p.328), “os historiadores não tem dificuldade em reconhecer que o metodismo é, junto com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, um dos grandes fenômenos da história do século”.

3.2 AS BASES PRETÉRITAS DO PENTECOSTALISMO

Basicamente, os pentecostais acreditam que a experiência dos 120 no dia de Pentecostes, conhecida como o “Batismo com o Espírito Santo”, descrita no Livro de Atos dos Apóstolos capítulo 2, deve ser normativa para todos os cristãos. A maioria dos pentecostais acreditam ainda hoje, que o primeiro sinal da “evidência inicial” desse segundo batismo, é o falar numa língua desconhecida para quem fala.

3.2.1 Manifestações Pentecostais entre os Séculos XII a XIX

Depois dos casos de línguas estranhas nos primeiros séculos, só a partir do século 12 surgem novamente referências concretas a línguas estranhas nos registros históricos. No século 12, Pedro Valdo, rico comerciante francês do Delfinado (Leste da França), resolve dar todos os seus bens aos pobres e reúne os fiéis dispostos a lutar com ele contra o luxo e a opulência do clero romanista. Nascem, assim, os valdenses, caracterizados pelo desejo por um “evangelismo puro”.

Por só reconhecerem “a autoridade dos Evangelhos”, os valdenses foram excomungados em 1182. Perseguidos por Roma, espalharam-se na região de Lyon, depois na Provença e até ao Norte da Itália e à região da Catalunha.

Segundo registros históricos, “os primeiros valdenses falavam em línguas desconhecidas”. Esses registros são ressaltados pelo jornalista norte-americano John Sherrill, em uma pesquisa que fez sobre o Movimento Pentecostal antes de aceitar ao pentecostalismo, e que foi publicada posteriormente sob o título *They Speak in Other Tongues*.

Nos séculos seguintes, há referências a manifestações espirituais entre albigenses e outros grupos, mas nada muito direto no que concerne a línguas estranhas. O pré-reformador Girolamo Savonarola, do século 15, por exemplo, era usado em profecia e tinha visões, mas não há referência à glossolalia em seu ministério. De qualquer forma, isso mostra que os dons espirituais ainda estavam sendo usados, mesmo que não em sua plenitude, como nos primeiros séculos da Igreja. Afinal, se a principal doutrina, a da Salvação, ainda precisava ser resgatada, o que dizer das demais?

Por isso, só após a Reforma Protestante os registros aumentam. Há casos entre os anabatistas e, segundo o historiador alemão T. L. Souer, em sua obra *História da Igreja Cristã*, no volume 3, página 406, o próprio Martin Lutero falava em línguas estranhas: “Dr. Martin Lutero profetizava, evangelizava, falava em línguas e interpretava revestido de todos os dons do Espírito Santo”. Essa é a única referência histórica à glossolalia na vida do célebre reformador, e escrita por um antigo e respeitável historiador alemão do século 19.

No século 17, entre os Quacres, há registros de línguas estranhas. W. C. Braithwait, no seu relato sobre as primeiras reuniões dos Quacres, escreveu: “Esperando no Senhor, recebemos com frequência o derramamento do Espírito sobre nós e falamos em novas línguas”.

No mesmo período, há glossolalia entre os pietistas. O Movimento Pietista nasceu na Alemanha, em 1666. Em seu livro *The Pilgrim Church*, na página 468, o historiador Edmund Hamer Broadbent (1861-1945) cita registros de línguas em cultos pietistas nos séculos 17 e 18: “Um estranho êxtase espiritual vinha sobre alguns ou sobre todos, e começavam a falar em línguas. De quando em quando essas manifestações se repetiam. A muitos deles, estas coisas pareciam mostrar que, agora, eram um só coração e uma só alma no Senhor”.

No século 19, há um boom de registros de glossolalia. Em 1830, na Escócia, uma jovem de Fernicarry, chamada Mary Campbell, planejava tornar-se missionária. Ela começou a orar por isso e, em uma certa noite daquele ano, quando orava junto com outros amigos, Campbell sentiu poderosamente a presença divina e começou a falar em um idioma que não conhecia. No começo, pensou que se tratava de uma língua que a ajudaria na obra missionária, mas nunca pôde identificar que idioma era aquele.

Na mesma época, na Inglaterra, um destacado ministro londrino, o reverendo Edward Irving (1792-1834), pastor presbiteriano, recebeu o batismo no Espírito Santo. Ele e sua congregação foram excluídos da denominação. Havia línguas e profecias nos cultos.

Foi em julho de 1822 que Irving, então com 30 anos, foi convidado a pastorear uma pequena congregação da Igreja da Escócia em Londres, a Caledonian Chapel. No início do ano seguinte, as multidões que se reuniam para ouvi-lo eram tão grandes que um novo templo precisou ser construído: a majestosa catedral de Regent Square. Em 1827, quando o novo templo foi inaugurado, cerca de mil pessoas frequentavam os cultos regularmente, fazendo dela a maior igreja da capital inglesa.

A fama de Irving se devia ao fato de ser um pregador eloquente. Um historiador diz que “nenhum ídolo e nenhum pecado escapavam do açoite profético de suas denúncias abrasadoras. Mesmo assim, a alta sociedade londrina acorria para ouvi-lo, inclusive distintas personalidades do mundo político e intelectual, como Canning, Lord

Liverpool, Bentham e Coleridge. Embora os seus sermões se estendessem em média por duas horas, era preciso reservar lugares com dias de antecedência”.

A partir de 1825, Irving começou a se reunir com amigos na casa do banqueiro Henry Drummond, em Albury Park, para estudar escatologia e “buscar o Senhor, pedindo um derramamento do Espírito Santo”. Então, em 1830, surgiram ocorrências de glossolalia e profecias na Escócia. Um ano depois, no final de 1831, surgiram também línguas e profecias nos cultos de Regent Square, a igreja pastoreada por Irving, que recusou-se a proibi-las. Sema línas depois, Irving foi afastado do pastorado de Regent Square. Mais de 600 pessoas o acompanharam. Após a morte de Irving aos 42 anos, devido à tuberculose, esse grupo fundou a Igreja Apostólica de Londres, que aos poucos se diluiu.

Em 1854, falando de um avivamento em uma igreja evangélica da Nova Inglaterra, um crente chamado V. P. Simmons escreveu impressionado: “Em 1854, o ancião F. G. Mathewson falou em línguas, enquanto o ancião Edward Burnham interpretou as mesmas”. Por essa época, os mórmons anunciaram que falavam em línguas em uma colônia de Nauvoo, Illinois. O 7º artigo de fé dos mórmons fala sobre a contemporaneidade dos dons espirituais. Porém, as ocorrências pareciam ser mais um blefe da seita, para chamar a atenção de curiosos, do que manifestações reais do Espírito Santo.

Em 1855, jornais publicam que, dentro da Rússia czarista, um pequeno grupo dissidente da Igreja Ortodoxa Grega falava línguas e profetiza. Em 1873, Robert Boyd escreve sobre uma campanha que o célebre evangelista Dwight Lyman Moody fez em Sunderland, Inglaterra: “Quando cheguei às salas da Associação Cristã de Moços, encontrei a reunião em fogo. Os jovens estavam falando em línguas e profetizando. Que significaria isso? Somente que Moody pregara para eles naquela tarde”.

Nada se sabe sobre Moody ter falado em línguas alguma vez. Se o fez, foi de forma particular. Sabe-se, porém, que muitos dos que o seguiam falavam em línguas e ele não os criticava por isso. Moody cria em uma “segunda bênção” subsequente à salvação, que consistia em um “revestimento de poder do Alto”, que ele e R. A. Torrey chamaram de “batismo no Espírito Santo”. A diferença é que os dois não ensinavam que línguas estranhas eram a evidência externa do batismo no Espírito.

Em meio ao avivamento do século 19 nos Estados Unidos (que começou em 1857 e se estendeu até perto do final do século), e que teve como protagonistas principalmente Charles Finney e Moody, as ocorrências de glossolalia aumentaram. Eventualmente, pessoas falavam em línguas nas campanhas de Moody e Finney. Finney cria também em uma “segunda bênção”, mas, como Moody, não a vinculava às línguas. Nesse período surgiu, também, o Movimento de Santidade ou Holiness, como é conhecido em inglês, de onde surgiria o Movimento Pentecostal no início do século 20.

Nessa época, R. B. Swan, pastor em Providence, Rhode Island (EUA), escreveu: “Em 1875, nosso Senhor começou a derramar sobre nós de seu Espírito. Minha esposa, eu e alguns irmãos começamos a proferir algumas poucas palavras em uma língua desconhecida”. Em 1879, mais outro caso: um crente chamado Jethro Walthall, do Estado de Arkansas, falou em línguas. Quando o Movimento Pentecostal se inicia, o caso de Walthall é lembrado e ele escreve: “Quando tive essa experiência, nada sabia do ensino bíblico acerca do batismo no Espírito Santo ou do falar em línguas”. Como Walthall, muitas pessoas passaram pela mesma experiência nos séculos anteriores, em sua devoção pessoal com Deus, mas por essa doutrina estar relegada naquele período, guardaram essas experiências para si.

Outro caso ocorreu na viagem do teólogo F. B. Meyer (1847-1929) à Estônia no final do século 19. Meyer conta que visitou congregações batistas e viu “uma poderosa ação do Espírito Santo”. Escrevendo a crentes em Londres, ele diz: “O dom de línguas é ouvido abertamente nas reuniões, especialmente nas vilas, mas também nas cidades (...). O pastor da Igreja Batista disse-me que muitas vezes as línguas irrompem em suas reuniões e, quando elas são interpretadas, têm como significado: “Jesus está vindo. Jesus está perto. Esteja pronto. Não seja negligente”. Quando as línguas são escutadas, incrédulos que porventura estejam na audiência ficam grandemente impressionados”.

Em 1880, na Suíça, uma crente chamada Mary Gerber declara que em momentos especiais de alegria, que descreve como “entregar meu duro coração ao Espírito Santo”, entoava cânticos espirituais em um idioma que lhe é desconhecido. Anos depois, em visita aos Estados Unidos, Mary estava orando por uma amiga enferma quando

começou a cantar e a profetizar fluentemente em inglês, para espanto dela e de sua amiga.

Um outro caso em especial ocorreu na Armênia, em 1880. Membros da Igreja Presbiteriana da vila de Kara Kala pediram a Deus um derramamento do Espírito Santo e vivenciaram um avivamento com línguas estranhas, revelações e profecias. Nesse avivamento, é profetizado um grande mover de Deus para o final do século, atingindo todo o mundo. Essa profecia se cumpre com o advento do Movimento Pentecostal.

Todos esses casos foram apenas um prelúdio do que aconteceria em dezembro de 1900 e que deu início ao Movimento Pentecostal.

Embora o falar em outras línguas tivesse aparecido no século XIX, tanto na Inglaterra quanto na América do Norte, nunca tinha assumido a importância a ele atribuída pelos pentecostais posteriores. Por exemplo, a glossolalia ocorreu em fins da década de 1930, sob o ministério do presbiteriano Edward Irving em Londres, nos cultos do movimento “Shakers”. Os pentecostais, no entanto, foram os primeiros que deram primazia doutrinária à prática.

Essa fase, como queremos aqui chamar, marca um momento de ressurgimento espiritual, moral, social. Da história da Igreja. Torna-se em um novo tempo áureo (antecedido pelo espírito da Reforma Protestante), a marcar um novo despertar da igreja de Jesus.

Embora os pentecostais reconheçam ocorrências esporádicas do falar em outras línguas e outros fenômenos carismáticos ao longo de toda a era cristã, como a acima demonstramos, ressaltam a importância do reavivamento na Rua Azusa, que ocorreu entre 1906 e 1909 numa igreja episcopal metodista africana abandonada no centro de Los Angeles, e que lançou o pentecostalismo como um movimento de alcance mundial. Os cultos na Rua Azusa eram dirigidos por William J. Seymour, um pregador negro do movimento de santidade de Houston, Texas, e aluno de Parham.

A partir dos Estados Unidos e da Inglaterra, os movimentos da santidade da “vida mais sublimes” espalharam-se para muitas nações do mundo, geralmente sob os auspícios de missionários metodistas e de evangelistas itinerantes.

Depois de 1906, o pentecostalismo espalhou-se rapidamente nos Estados Unidos e no mundo. Nas palavras de Oliveira (1988, p.152):

A mensagem pentecostal se espalhou com tanta rapidez que recebeu o nome de “movimento”. O termo Movimento Pentecostal passou a designar a todos os grupos que buscavam o batismo com o Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas, segundo a inspiração divina. O movimento se espalhou de forma tão veloz, que dentro de poucos anos já lançava suas bases em países como Canadá, Chile, Brasil, Índia, Noruega e Ilhas Britânicas.

Pelo que vimos, o Pentecostalismo teve rápida aceitação e difusão. Ganhando forma, alcançando mais seguidores, trazendo um poderoso renovo na vida daqueles que foram envolvidos por ele. A partir de então o mundo seria abalado e impactado pela mensagem do Movimento Pentecostal.

3.3 AVANÇOS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL PELO MUNDO

Não temos como negar que daí para frente, ninguém mais seguraria ou barraria o avanço e o crescimento deste Movimento pelo mundo afora. Basta que analisemos esse fenômeno que ganhou expressão ao longo das décadas e que se tornara uma poderosa ferramenta para alcançar o mundo através da proclamação do evangelho – por meio da ação missionária. Nas palavras de Elwell (2003, p.133), “o Pentecostalismo se espalhou rapidamente pelo mundo depois de 1906”.

Vimos que foi em Topeka que o Movimento Pentecostal foi encetado, mas foi no Avivamento da Rua Azusa que ele ganhou notoriedade. Jornalistas, crentes e líderes cristãos de todo o mundo vinham a Azusa para ver o que estava acontecendo. Ali, os não-crentes se convertiam a Cristo e os cristãos eram incendiados, voltando às suas cidades trazendo a boa nova. Dessa forma, o movimento espalhou-se para todo o mundo.

Falaremos resumidamente sobre alguns dos principais pioneiros do Movimento Pentecostal no mundo.

3.3.1 O Pentecostalismo na Europa

Um dos pioneiros do Movimento Pentecostal na Europa foi Thomas Barratt, um pastor norueguês metodista que teve contato com Azusa e trabalhou no florescimento de igrejas pentecostais na Noruega, Suécia e Inglaterra. Barratt influenciou o pastor batista sueco Lewi Pethrus, que foi o pioneiro do Movimento Pentecostal naquele país.

Pethrus atentou para a realidade do batismo no Espírito Santo como uma segunda bênção, subsequente à a alvação, lendo os escritos de A. J. Gordon, um dos pregadores da segunda bênção no século 19. Porém, foi Barratt quem convenceu Pethrus a buscar o batismo no Espírito Santo. A Igreja Filadélfia, pastoreada por Pethrus, enviaria missionários para a nascente Assembleia de Deus no Brasil.

Na Inglaterra, um dos maiores nomes do pentecostalismo nascente foi o pastor Donald Gee. Gee e o teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman, foram os dois nomes que sistematizaram as doutrinas pentecostais. Charles Parham foi quem sistematizou a Doutrina do Batismo no Espírito Santo, mas foram Gee e Pearlman que sistematizaram toda a Teologia pentecostal. Gee, por exemplo, foi o primeiro a sistematizar a doutrina acerca do uso correto dos dons espirituais.

Na Alemanha, um dos líderes do Movimento da Santidade naquele país, Jonathan Paul, semeou a mensagem pentecostal. Na Itália, um forte pentecostalismo brotou por meio dos parentes de imigrantes italianos nos Estados Unidos. Muitos desses imigrantes tiveram contato direto com o Avivamento de Azusa e retornaram à sua terra para pregar a mensagem pentecostal aos seus parentes.

O pioneiro do Movimento Pentecostal na Rússia foi Ivan Voronaev, um imigrante russo nos Estados Unidos. Em 1919, ele fundou a primeira Igreja Pentecostal Russa em Manhattan, Nova Iorque. Em 1920, Voronaev, de volta à Rússia, começou um ministério em Odessa. Após nove anos, depois de incrivelmente fundar nesse curtíssimo período de tempo 350 congregações na Rússia, Polônia e Bulgária, Voronaev foi preso pela polícia soviética. Acabou morrendo na prisão.

Na Holanda, após lerem exemplares do jornal Apostolic Faith (da Missão de Azusa) falando sobre o Avivamento em Azusa e notícias nos jornais seculares de 1906 sobre o assunto, alguns cristãos holandeses resolveram clamar pela mesma bênção. Assim,

em 1907, Deus batizou a esposa do pastor G. R. Polman. No ano seguinte, foi a vez do próprio Polman. Em 1912, foi inaugurado o primeiro templo pentecostal em Amsterdã. Depois foi a vez de Roterdã, Hilversum, Utrecht, Ilha Terschelling e Haarlem.

O pastor Smith Wigglesworth, um dos grandes nomes da história do Movimento Pentecostal, foi um dos instrumentos de Deus para levar a mensagem pentecostal à Suíça. Ele trabalhou principalmente na cidade de Berne. Wigglesworth foi batizado no Espírito Santo em um trabalho dirigido pelo pastor Thomas Barratt, de quem já falamos. Também trabalhou na África do Sul.

No País de Gales, o pastor Alexander A. Boddy foi um poderoso arauto divino, fazendo conferências pentecostais naquele país e depois pela Europa. Boddy tomou conhecimento do avivamento lendo os primeiros exemplares do jornal Apostolic Faith.

3.3.2 O Pentecostalismo na Ásia

O Movimento Pentecostal na China começou em 1907, com a chegada dos irmãos A. G. Garr, vindos da Califórnia, Estados Unidos, e acesos pelo fogo de Azusa. Suas conferências evangelísticas alcançaram centenas de pessoas em Macau, Hong Kong e Cantão, com dezenas de conversões e batismos no Espírito Santo.

Mas, um dos grandes nomes do pentecostalismo na China em seu início é, sem dúvida, Nettie Noorman. Ela já era missionária naquele país quando soube do Avivamento da Rua Azusa. Resolveu, então, em vez de só ouvir falar, conferir o que estava acontecendo. Assim, em outubro de 1906, Noorman deixou a China rumo a Los Angeles. Ali, certificou-se de que Azusa tratava-se mesmo de obra divina. Então, clamou pelo batismo no Espírito Santo, recebendo-o. De volta à China, os sinais se seguiram: curas divinas, milagres, batismos no Espírito Santo e muitas conversões a Cristo. Depois de Noorman, muitos outros missionários na China receberam o batismo no Espírito Santo, sendo igualmente usados por Deus para a expansão do Evangelho de Cristo.

Na Coreia do Sul, depois da guerra entre as duas Coreias, um jovem pastor chamado David Yonggi Cho, formado em Teologia, foi usado por Deus para um grande

avivamento naquele país, com muitos sinais, principalmente curas divinas. Hoje, sua igreja, a Igreja do Evangelho Pleno em Seul, é uma das maiores do mundo.

3.3.3 O Pentecostalismo na Índia

O Movimento Pentecostal chegou à Índia também devido ao Avivamento da Rua Azusa. Alguns evangélicos ali receberam notícias do que Deus estava fazendo em Los Angeles. Um deles, chamado Max Wood Morehead, afirmou na época: “Se esta notícia do que Deus está fazendo em Los Angeles é verdadeira, o dom de línguas será visto na Igreja em todo o mundo, assim como hoje, em todos os lugares, os crentes já creem em cura divina”.

O estopim do avivamento foi uma conferência realizada em Calcutá, Índia, reunindo missionários e obreiros. Lá a doutrina concernente ao batismo no Espírito Santo com evidência externa de línguas estranhas foi exposta pela primeira vez. Não houve batismos no Espírito Santo, mas alguns dos presentes abriram seu coração para a importância dessa mensagem para a Igreja.

No mesmo ano, a missionária S. C. Easton abriu as portas para os irmãos Garr, testemunhas oculares de Azusa e batizados no Espírito Santo. Pessoas que foram até lá para corrigir os pentecostais acabaram saindo tocados pelo Espírito Santo. Um deles conta: “Comecei a crer que eu era a pessoa que necessitava de endireitar-se, e não o evangelista” (Testemunho dos Séculos, Emílio Conde, CPAD). Nos anos seguintes a mensagem pentecostal espalhou-se entre os cristãos na Índia.

3.3.4 O Pentecostalismo na África

O pentecostes chegou ao Egito em 1907. Um jovem chamado Alexander Paul, natural do Egito, foi batizado no Espírito Santo nos Estados Unidos. Quando seus amigos cristãos no Egito receberam a notícia do que havia acontecido, pediram que alguém fosse até eles instruí-los acerca dessa bênção. O evangelista G. S. Bresford foi enviado e, com o apoio de missionários em Jerusalém que já haviam recebido o

batismo no Espírito Santo, fundou o primeiro trabalho pentecostal em Assiout, no Egito.

Em 1911, foi fundado um orfanato mantido pelos irmãos pentecostais em Assiout, que atendia cerca de 700 órfãos. Em poucos anos, havia congregações também em Alexandria e Cairo, algumas com centenas de crentes.

O Movimento Pentecostal chegou no Congo em 1915, por meio dos missionários pentecostais William Burton e James Salter. O trabalho começou na vila de Mwanza. Em dez anos, a obra se desenvolveu tanto que, nesse período já havia alcançado três tribos, sete estações centrais, estava com 17 missionários como auxiliares e cem evangelistas nativos, todos batizados no Espírito Santo.

A África do Sul também recebeu a chama do Movimento Pentecostal, por meio do trabalho incansável e fervoroso de homens como o norte-americano John Lake. Direcionado pelo Espírito, ele foi para a África do Sul. Antes de morrer, voltou aos Estados Unidos, onde continuou pregando até partir para a Eternidade em 1935. Quando isso ocorreu, as igrejas sul africanas Missão de Fé Apostólica e Cristã Sião, ambas fundadas por ele naquele país, já contavam, juntas, com mais 100 mil membros e 600 congregações na África do Sul. Nos anos 60, esse número já havia subido para mais de 120 mil.

Conforme apresenta Elwell (2003, p.133):

Era inevitável que um movimento tão vigoroso sofresse controvérsias e divisões nos seus estágios formativos. Embora o movimento seja notado pelos seus muitos submovimentos, somente duas divisões são consideradas importantes. Estas envolveram ensinamentos a respeito da Santificação e da Trindade.

Em apenas um século o movimento pentecostal atingiu mais de 650 milhões de fiéis em todo o mundo.

3.4 O CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO

Peter Wagner (1991, p.63-69), analisou o crescimento da igreja pentecostal do seu surgimento até a década de 1990. Ele observou que até a Segunda Guerra Mundial (SGM) o crescimento pentecostal foi lento. E, que foi após a SGM que o movimento pentecostal explodiu. O autor afirma que em 1945 existiam 16 milhões de pentecostais da Primeira Onda. A segunda onda do pentecostalismo, surgida na década de 1960 levantou o número de pentecostais para 50 milhões, em 1965. Em 1975, o mundo pentecostal já tinha 96 milhões. Após dez anos, em 1985, o número cresceu para 247 milhões. O autor expõe a Projeção de Barrat sobre o número de pentecostais em 2000, incluindo neste número a terceira onda e os pré-pentecostais, A projeção estima um número de 562 milhões fiéis. Alan Anderson, por sua vez, prevê para o ano 2025 uma população de pentecostais de 800 milhões. Na conferência apresentada na Florida em 2015, ele estimou que em 2014 haviam 631 milhões de pentecostais/carismáticos.

Como somos sabedores o avivamento espiritual ocorrido no século XVIII, através do grande avivalista cristão João Wesley, revolucionou de forma poderosa a fase do Cristianismo conhecida como Cristianismo Pentecostal. Fora um tempo de amadurecimento cristão; de solida base doutrinária e de um pietismo religioso, que lança luz no fim do túnel das densas trevas fincadas pelo ateísmo e do próprio racionalismo cristão, e do espírito da contrarreforma.

Este século (XVIII), marcou uma fase de maior comprometimento cristão com a visão da necessidade de se alcançar o mundo para Deus. Novas missões permitiram que o Evangelho pudesse ser levado a todos os cantos – através de uma mensagem que incluía no seu arcabolso – a ação poderosa do Espírito Santo na vida da Igreja. O que evocava não só uma vida mais plena do Espírito Santo, quanto a totalidade dos dons e dos ministérios provenientes do mesmo Espírito.

Essa nova onda fez surgir inúmeras igrejas por todas as partes do mundo. E em menos de um século, as denominações de cunho pentecostal já se tornava na maior denominação do mundo. O que nos faz crer que tudo isso fazia parte do grande propósito de Deus que alcançar o mundo e conduzir a humanidade de volta aos princípios normativos da Palavra de Deus.

Assim nos tem definido Blainey (2012, p.202):

Os pentecostais provavelmente acrescentaram ao protestantismo mais seguidores do que a Reforma original tinha atraído durante o meio século dominado por Lutero, Zuínglio, Calvino e Henrique VIII da Inglaterra. Na era do jato, os estudiosos europeus, de olhos voltados apenas para a região onde viviam, inclinavam-se a imaginar os protestantes perdendo terreno, em igrejas meio vazias. A América Latina e a África, no entanto, provaram o contrário.

Através do mover sobrenatural de Deus na história – sobretudo, do Novo Pentecostes – ocorrido nos meados do século XIX, na Rua Azuza, o Cristianismo passa a ser conhecido através de sua maior ebulição – o que vem a ser caracterizado na história – como o Pentecostalismo Cristão.

Poderíamos dizer que o Pentecostalismo Histórico, caracterizava-se ainda, como sendo o resultado ou os efeitos do que a Reforma Protestante estava a imprimir no Novo Mundo.

Não podemos negar que o Cristianismo estava vivendo uma nova fase – conhecida pelos efeitos sobrenaturais do Espírito Santo – que trazia plenitude e um encher contínuo do sobrenatural de Deus sobre as vidas. Era não só uma nova era, era também um cristianismo ainda mais renovado para enfrentar as agruras da incredulidade e da resistência decorrente da ação da Contrarreforma. Que visava pôr fim ao avanço e o crescimento das igrejas reformas e protestantes. Tal Movimento ficou caracterizado historicamente como sendo – a Era do Espírito Santo. Fora uma época de maior ação do Espírito Santo – através do derramar de unção e de graça que fez com que vidas fossem poderosamente transformadas e despertadas para viverem uma vida de maior comunhão e busca de Deus – jamais vista na história da Cristandade, desde o primeiro século da era cristã.

Conforme trata Oliveira (1988, p.132), “milhares de pessoas passaram de um cristianismo teórico e morto, para o cristianismo vivo e prático. O que nos leva a entender que o Espírito estava estabelecendo um novo tempo para a Igreja do Senhor Jesus”.

A Igreja agora seria conhecida como Igreja Avivada – ou Igreja, Pentecostal. Aquela na qual se manifestava os dons e os carismas do Espírito.

Claro estava que o Pentecostalismo veio para ficar. Não seria visto como um evento, um modismo, uma onda... Era algo específico de Deus para nortear a vida da Sua Igreja. Era uma plenitude de graça e de unção – que traria a Igreja maior visão missionária, maior comprometimento com a ação social e que levaria a Igreja a uma maior devoção e vida piedosa diante dos homens.

3.5 O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

A primeira manifestação de entusiasmo religioso no protestantismo brasileiro é atribuída por Émile Léonard ao movimento liderado por Miguel Vieira Ferreira (1837-1895). Esse engenheiro, presbítero e pregador leigo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, membro de uma família aristocrática de São Luís do Maranhão, acreditava que Deus ainda se revelava diretamente às pessoas, como nos tempos bíblicos. Dotado de um temperamento místico, certa vez teve uma espécie de transe, ficando totalmente imóvel por longo período de tempo. Disciplinado pela igreja por insistir nas suas ideias, o Dr. Miguel retirou-se com um grupo de crentes, a maior parte parentes seus, e criou a 11 de setembro de 1879, Igreja Evangélica Brasileira, que subsiste até hoje (LÉONARD, 1981). Todavia, esse grupo é diferente em vários aspectos do movimento pentecostal surgido algumas décadas mais tarde.

O movimento pentecostal no Brasil propriamente dito, começou em 1910, sob a liderança de dois imigrantes suecos da América do Norte, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que começaram cultos pentecostais numa igreja batista em Belém do Pará. O crescimento fenomenal levou o Pentecostalismo a ser a principal força protestante também no Brasil.

Historicamente falando, o Pentecostalismo brasileiro como o conhecemos hoje, passou por três fases ou ondas distintas através das quais conseguimos ver fatos e condições que ainda mais fortalecia e estabelecia o Pentecostalismo entre nós brasileiros.

3.5.1 Três Ondas do Pentecostalismo Brasileiro

Paul Freston (1994),

Descreve as Três ondas pentecostais, como sendo: pentecostalismo de primeira onda (pentecostalismo Clássico), Pentecostalismo de segunda onda; e pentecostalismo de terceira onda (neopentecostalismo). Freston classificou as igrejas pentecostais em três ondas: a primeira onda, segunda onda e terceira onda; que dão conta da sua evolução temporal e sua diversificação.

A primeira onda que ficou conhecida como Pentecostalismo Clássico ou Histórico, era caracterizada por um ferrenho anticatolicismo, defender a atualidade do batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em línguas, a continuidade dos demais dons espirituais, a crença na volta iminente de Cristo a necessidade um comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior. As principais igrejas desse momento foi a Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). Essas denominações dominaram amplamente o cenário pentecostal durante 40 anos e foram responsáveis por milhares de conversões, aumentando consideravelmente o número de evangélicos no País. O Foco da mensagem era o Batismo com Espírito Santo com a evidência em falar em línguas, a evangelização, vida santa e a volta iminente de Cristo.

A segunda, como Deuteropentecostalismo ou Movimento de Cura Divina. Caracterizada pela ênfase no dom de cura divina e na expulsão de demônios, guarda muitas semelhanças doutrinárias com as igrejas da primeira onda, passa a utilizar métodos e meios de evangelismo diferenciados (rádio, tendas, aluguel de cinemas, teatros e estádios para realização de cruzadas evangelísticas). As igrejas que fizeram parte desse momento foram: Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil (1937), Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), Casa da Bênção (1964).

A terceira onda fora caracterizada como Neopentecostalismo ou Pentecostalismo Autônomo. Caracterizada por: ênfase na prosperidade e nos rituais de exorcismo apesar de também pregar a cura divina, não há a manifestação dos dons espirituais durante as reuniões, e em alguns casos não aceita-se alguns dos dons, em especial a profecia. Doutrinariamente essas igrejas estão ligadas a Teologia da Prosperidade,

bem-estar pessoal e expulsão de demônios. As igrejas desse modelo foram: Igreja de Nova Vida (1960), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Cristo Vive (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Igreja Renascer em Cristo (1986), Igreja Mundial do Poder de Deus (1998).

Dessa forma enquanto na primeira onda a ênfase cai sobre as “línguas”, na segunda onda a ênfase estava na “cura” (Freston, 1993; Oro, 1996, 2001, Mariano, 1989, 2004; Giumbelli, 2001, Tadvald, 2012; Pedde, 2013), agora na terceira onda, conhecida como “neopentecostais” “pentecostalismo autônomo” (Hortal, 1994), a ênfase recai sobre a batalha espiritual.

Poderíamos dizer que as maiores igrejas evangélicas no Brasil, são de linha e doutrina pentecostal. O que nos leva a pensar sobre a importância desse movimento para o crescimento do Cristianismo em nosso país. E a cada novo dia, novas frentes vem sendo alcançadas através do impacto que esse movimento tem trazido para a religiosidade dos brasileiros. São inúmeras as frentes nas quais as Igreja Pentecostais vem atuando, as quais citamos: obra social, educação, o resgate da família, valores morais e éticos, e sobretudo, a obra missionária no mundo inteiro, etc.

No Brasil, a magnitude do pentecostalismo é evidente a todos os observadores. Há muitos anos esse segmento congrega a maioria dos protestantes. De acordo com o Censo de 2000, dos 26,2 milhões de evangélicos brasileiros, 17,7 milhões são pentecostais (67%). O crescimento vertiginoso que o protestantismo nacional tem experimentado em décadas recentes reflete principalmente o que ocorre nas igrejas pentecostais. O Pentecostalismo moderno, por sua vez, não abandonou seu perfil de ser uma comunidade em torno do Espírito Santo, dando ênfase a uma doutrina voltada para a libertação e a cura divina (FRESTON, 1993).

Hoje são centenas e milhares de igrejas – cuja visão e aspecto doutrinário são alcunhadas de Igrejas Pentecostais em todo o mundo. O que nos faz acreditar que as bases estruturais históricas do século XX, fora o berço de um dos maiores despertar espiritual de todos os tempos.

3.6 O NEOPENTECOSTALISMO

Como fruto da terceira onda do Movimento Pentecostal brasileiro, surgiram os chamados Neopentecostais. Esse fenômeno ainda em evolução tem como proposta religiosa básica o trinômio cura-exorcismo-prosperidade. Ou seja, a ênfase recai na prosperidade e nos rituais de exorcismo apesar de também pregar a cura divina. Diante das realidades de sofrimento e alienação que caracterizam a sociedade moderna, principalmente nos grandes centros urbanos, essas igrejas oferecem espaços de solidariedade e acolhimento, gerando um forte senso de dignidade entre os seus participantes. Por outro lado, elas revelam uma clara tendência para práticas sincréticas e mágicas, tais como a utilização crescente de objetos e rituais como mediação do sagrado, a adoção do vocabulário e práticas da religiosidade popular brasileira e o uso da Bíblia apenas como um instrumento para a solução de problemas.

Doutrinariamente essas igrejas estão ligadas a Teologia da Prosperidade, bem-estar pessoal e expulsão de demônios. As igrejas desse modelo foram: Igreja de Nova Vida (1960), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Cristo Vive (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Igreja Renascer em Cristo (1986), Igreja Mundial do Poder de Deus (1998).

Mendonça faz a seguinte avaliação contundente: “essas igrejas não constituem comunidades de crentes comprometidos com a koinonia cristã. Estão sempre cheias, mas de clientes que buscam solução mágica para os problemas do cotidiano e que estão sempre em trânsito, na maioria das vezes mantendo sua identidade religiosa tradicional. Não são, portanto, igrejas, mas clientela de bens de religião obtidos magicamente.

José Bittencourt Filho (1994, p. 33) tem uma perspectiva mais otimista, que ainda está para ser demonstrada:

O crescimento numérico do (Pentecostalismo Autônomo) e sua extraordinária capacidade de mobilização demonstra que a proposta oferecida está em sintonia com as demandas espirituais da população brasileira de todas as camadas sociais. No futuro, o carisma deverá rotinizar-se, e os remanescentes serão talvez poucas denominações mais próximas da tradição evangélica do que na atualidade.

Esse novo pentecostalismo se adapta muito bem à moderna cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética do capitalismo de consumo. Duas expressões emblemáticas são a Igreja Universal do Reino e a Igreja Renascer em Cristo.

3.7 AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS QUANTO AO PENTECOSTALISMO

Qualquer abordagem construtiva do pentecostalismo precisa incluir, ao lado de uma crítica dos seus problemas e distorções, uma consideração honesta de suas contribuições positivas e das advertências que faz ao protestantismo histórico. A Igreja Católica Romana tem procurado deixar de lado as acusações de praxe (movimentos sectários, fanatismo, obscurantismo) para estudar com seriedade esse movimento que lhe tem subtraído um grande número de fiéis, fazendo uma necessária autocrítica e buscando aprender as lições da história. As igrejas protestantes, notadamente aquelas de tradição reformada, precisam empreender um esforço semelhante.

As vicissitudes do pentecostalismo são bem conhecidas e muitas delas já foram apontadas neste artigo. Evidentemente elas não devem ser generalizadas, aplicando-se ora a uns, ora a outros grupos.

Esses problemas podem ser classificados em algumas áreas: (1) Escritura: ênfase excessiva na experiência, profecias ou revelações, relativizando a importância da Bíblia; interpretação bíblica literalista ou alegórica, conforme a necessidade, sem atentar para as boas regras da hermenêutica; a Bíblia é considerada acima de tudo um livro de promessas de Deus para os crentes; (2) vida espiritual: entendimento da relação com Deus como uma transação, perdendo-se o senso da salvação como dádiva imerecida da graça; visão dualista da realidade (bem-mal, Deus-diabo) e tendência de atribuir todo mal a influências diabólicas, minimizando a responsabilidade humana; ênfase excessiva na experiência e nas emoções, que pode levar ao subjetivismo; interesse por modismos e novidades; (3) liderança: estilo centralizador e personalista; culto à personalidade do líder, considerado intocável (o “ungido do Senhor”); pequena participação dos fiéis na esfera decisória e na administração dos recursos financeiros; (4) ética: atitude triunfalista e ênfase no poder podem minimizar um viver ético; maior ênfase aos dons do que ao fruto do Espírito; tendência para a alienação quanto aos problemas da sociedade; atuação questionável

na esfera política; (5) culto: perigo de colocar os adoradores no centro das atenções ao invés de Deus (antropocentrismo); liturgia condicionada por interesses pragmáticos (atrair e empolgar os participantes) e preferências culturais, e não pelo ensino da Escritura. Essas deficiências e outras são muito sérias e as igrejas históricas devem não só orientar os seus próprios fiéis, mas ajudar os pentecostais e carismáticos a serem mais bíblicos nessas áreas.

Por outro lado, os pentecostais, carismáticos e renovados oferecem algumas lições importantes para as igrejas tradicionais ou históricas. O surgimento e crescente aceitação desses movimentos sugere insatisfação com uma religiosidade formal e rotineira, bem como o desejo de uma experiência mais profunda com Deus, de um culto mais alegre e fervoroso, de uma vida cristã mais plena. O protestantismo histórico, que começou como um movimento revolucionário e renovador, com o tempo se tornou rígido, tradicionalista e rotineiro. Sua rejeição da piedade medieval fez com que se perdessem elementos valiosos da experiência cristã, como o senso de mistério, o deslumbramento diante do Ser Divino, o rico simbolismo espiritual que apela à mente e aos sentidos. O pentecostalismo veio resgatar esses elementos que haviam sido esquecidos pela tradição protestante. Outras contribuições importantes são a insistência na atualidade da mensagem bíblica (tudo o que a Escritura diz é também para hoje), a exuberância do louvor, a ênfase na evangelização (grande parte do crescimento do cristianismo no século 20 resultou do trabalho das igrejas pentecostais), a preocupação com os pobres e marginalizados (libertação do pecado e dos vícios; dignidade humana).

Os especialistas têm feito uma série de conjecturas sobre o futuro do movimento pentecostal. Embora haja diferentes perspectivas, em uma coisa todos concordam: o pentecostalismo veio para ficar. As igrejas herdeiras da Reforma, como a presbiteriana, podem adotar diferentes atitudes: tentar ignorar o movimento pentecostal, como se não fosse relevante; hostilizá-lo, apontando somente para as distorções teológicas e éticas; ou, preferivelmente, interagir com ele, aprendendo lições úteis com essa tradição e ao mesmo tempo procurando influenciá-la, para que se torne mais íntegra e bíblica.

Entre as áreas a serem reconsideradas, podem ser apontadas as seguintes: (a) na esfera do culto: liturgia mais alegre, edificante e participativa; hinódia contemporânea

com sólido conteúdo bíblico e doutrinário; (b) na esfera das missões: maior ênfase na evangelização, envolvendo todos os membros; reexame das estratégias missionárias (por exemplo, em certas igrejas pentecostais o obreiro deve primeiro plantar uma igreja para então ser consagrado pastor, ao passo que na IPB o grande número de formandos dos seminários não está se traduzindo em crescimento para a igreja); (c) no âmbito social: transformação das igrejas em espaços acolhedores para pessoas de todas as classes e condições; atuação deliberada e sistemática junto às camadas mais pobres da população, levando-lhes o evangelho integral. Também existem algumas contribuições que as igrejas tradicionais podem oferecer aos pentecostais e renovados: seriedade no estudo e interpretação das Escrituras; valorização da boa teologia e das doutrinas bíblicas; compromisso com a ética cristã, especialmente quanto à liderança e finanças; ênfase à santidade tanto quanto ao poder; equilíbrio entre experiência e Escritura, emoções e intelecto, fervor e reverência; valorização da herança cristã.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um longo caminho foi percorrido até chegarmos a essa conclusão. Foram meses de uma incansável busca por compreender e escrever sobre aspectos tão ricos de detalhes quanto o que caracteriza a História do Cristianismo. História essa, inconclusa sobre muitos aspectos. Afinal, ainda hoje estamos a viver a influência dessa mesma história em todos os segmentos da cristandade. Tivemos um olhar atento para não deixarmos de abordar aspectos importantes não só do ponto de vista do mais acurado pesquisador, mas também revelador para o mais simples olhar de quem ama a história, mas que se tonaram elucidativas quanto a nossa pesquisa. Mas, é claro que ao analisar a arqueologia da religião – e de forma específica, do Cristianismo, não teríamos como nos debruçar sobre todos os pertences históricos que encerram a própria narrativa do Cristianismo. Fizemos um pouco de cada coisa! Mas sempre assumindo a responsabilidade de sermos imparciais e fidedignos com todo o aparato histórico com o qual temos convivido e aprendido.

Sei que analisar a história e nesse caso, do Cristianismo (que já conta com mais de 2000 anos), não poderíamos deixá-lo de vê-lo enquanto uma massa composta, descritiva, normativa, analítica... Implicativa. Que mesmo que possamos diluí-la aos poucos, ainda assim, é vasta em todas as suas partes. Quem lida com o arcabouço histórico do Cristianismo se vê mergulhado na sua própria história – na história de todos nós. Afinal, não temos como falar do ser antropológico, social, ético, politizado... Sem que abordemos sua estrutura teológica-espiritual-religiosa. E essa análise – da arqueologia da religião, nos permitiu chegar mais perto do que de fato Jesus Cristo – tinha como ideal, qual Sua base doutrinária, o que Ele se propôs fazer em Sua luta por nos tornar mais livres, mais libertos, mais plenos, mais perfeitos, mais humanos e mais divinos...

Não temos como negar que essa história nos faz bem. Mesmo abordando os tantos quantos de arranhões que a história não permite ignorar. Mas isso não é condição comum a todas as histórias mundiais que temos escrita e devidamente documentadas? A própria imparcialidade, nos dá que não existem histórias sem arranhões, sem metástase. Mas, também, e sobretudo, traz para uma vívida

experiência de fé, de amor, de dedicação, de superação, de altruísmo, de livre-arbítrio, de adoração, de devoção, de identificação... Através de tudo aquilo que o Mestre, o Senhor Jesus Cristo foi em Sua própria materialização e encarnação. A história da arqueologia da religião – é a narrativa de inúmeros homens e mulheres, que dedicaram suas vidas, suas almas... Para que as verdades absolutas e inalienáveis do Evangelho de Jesus Cristo, pudessem alcançar e libertar a todos ao longos dos séculos. Se isso se fez sentido, foi porque muitos se empenharam para tornar isso algo possível... Se não aconteceu assim, foi também graças a atitudes equivocadas e evitadas de erros dos muitos tantos que protagonizaram a sua história. Mas também quero afirmar, que essa história se contextualiza, se materializa, se contemporiza através de cada um de nós que envolvidos do mesmo espírito de fé, acreditam com o mesmo fervor, a mesma certeza, a mesma coragem... Que o Cristo e o Cristianismo se faz na proposta mais plena e essencial para a mais profunda transformação que se pode alcançar o ser humano – a libertação do seu próprio ser.

Gostaria de citar as palavras de Jesus e fazer delas o meu mais profundo anseio quanto ao legado do Cristianismo: “Que estas palavras sejam pregadas no mundo inteiro... em testemunho a todas as gentes...” (Mateus 24.14). Como também: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura (Marcos 16.15), e nestas que ensejam o seu maior desejo: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações...” (Mateus 28.19). Creio que só assim, poderíamos viver outro ideal do Cristo – “Para que tenhas vida e a tenhas em abundância (João 10.10), “conhecendo assim, a verdade que liberta” (João 8.32). Creio que como diz as Escrituras a vida estava n’Ele. Ele é a própria Vida Eterna. Razão pela qual não temos como negar que Sua vida, Seu testemunho, Sua mensagem, Suas pisadas... Fizeram com que o mundo viesse a ser um mundo melhor e mais repleto de vida e de esperança.

Tenho a certeza que cada século e cada era trouxe-nos vislumbres diferenciados sobre a grande história do Cristianismo. Estou certo, que nem sempre o mesmo fora bem entendido e vivenciado. Até mesmo julgo que sobre muitos aspectos, em dados momentos, seu propósito ficou difuso e incompreendido. Mas, como a própria história nos assevera, aos poucos o mesmo fora sendo reencaminhado, resgatado e sorratamente reconstruído de suas ruínas histórias. Talvez seja isso o que mais nos move na direção de sua compreensão – sua capacidade de se soerguer apesar das densas trevas da obscuridade religiosa, doutrinária, ética, litúrgica, administrativa...

Vimos que a história não se faz do nada. Ela se fundamenta no tempo e sobretudo, nos escombros da própria história. Assim foi a Idade Média (Idade das Trevas), quanto ao desenvolvimento da vida religiosa e espiritual da igreja. Fora sem dúvida alguma, um tempo de maior declínio e invisibilidade da religiosidade para muitos. Mas como acompanhamos a história tem seu poder de cura e de restauração. E nesse aspectos, a Reforma Protestante – através dos seus mais notáveis expoentes, fora o tratamento para um milênio de decomposição, frieza espiritual e ganâncias humanas. Não só a ação dos reformadores, como também, a dos pré-reformadores, fora decisiva para resgatar a Igreja e o Cristianismo dos seus escombros. E nesse aspecto, a história do Cristianismo reformado, tornou-se a história de milhares e milhares que sonhavam com um novo tempo, uma nova era, para a Igreja e o Cristianismo.

A Reforma Protestante como vimos, através dos seus cinco pilares, como historicamente ficou conhecidos, **Soli Deo Gloria (Glória Somente a Deus)**, **Sola Fide (Somente a Fé)**, **Sola Gratia (Somente a Graça)**, **Sola Scriptura (Somente as Escrituras)**, fora o caminho que propiciou a retomada da Igreja aos seus ideias do primeiro século cristão. Assim, a Reforma, fora a força propulsora de resgate e reconstrução do Cristianismo até os nossos dias.

Analisamos também os efeitos da própria reforma quanto ao avanço e expansão do Cristianismo até chegarmos ao que ficou conhecido na história como Movimento Pentecostal. Movimento este, caracterizado por um grande avivamento espiritual, moral e evangelístico surgido no sei da igreja. Que fez com que o mundo pudesse ser alcançado através do vigor missionário surgido na igreja nesse tempo. A partir de então a história não seria mais a mesma.

Gostaria de concluir esta breve análise sobre a arqueologia da religião, citando o que foi dito por Blainey (2012, pág.211, 212),

Não é fácil avaliar uma religião tão antiga e disseminada, cujos seguidores discordam entre si. O cristianismo moldou - e às vezes desmanchou - muita coisa no mundo moderno. Não somente a moral e a ética receberam influência, mas também o calendário, os feriados, a assistência social, os eventos esportivos, arquitetura, idioma e literatura, além das denominações no mapa-múndi. Talvez nenhuma outra instituição - a não ser os governos modernos - tenha cuidado tão diligentemente dos

enfermos, dos pobres, dos órfãos e dos velhos. Por muito tempo a Igreja representou a predecessora da assistência oficial, além de assumir o principal papel na educação em boa parte da Europa e de fundar a maioria das primeiras universidades. O cristianismo influenciou o papel social da mulher, o *status* da família e - dizem alguns historiadores - a ascensão do socialismo e do capitalismo. Além disso, tanto favoreceu como prejudicou o avanço da Ciência e das Ciências Sociais.

A moderna democracia, muito diferente da versão praticada na antiga Atenas, muito deve à declaração feita por Paulo, garantindo que todas as almas têm o mesmo valor aos olhos de Deus.

A democracia também deve muito àquela ala do protestantismo que, desobedecendo ao papa e ao bispo, conferiu poder à congregação reunida aos domingos.

Desde seu surgimento, o cristianismo participou de muitos eventos lamentáveis e cometeu muito mais erros do que os primeiros apóstolos poderiam imaginar. Boa parte desses erros foi praticada por quem falava em nome de Cristo, mas sem sinceridade. Trata-se de uma difícil e angustiante profissão de fé. Entre os bilhões de indivíduos, hoje mortos, que entenderam e tentaram seguir os preceitos de Cristo, a maioria provavelmente teria admitido falhas em algumas fases da vida - ou em todas. Se o próprio Cristo viesse julgar as respostas do mundo a suas mensagens nestes primeiros 2 mil anos, talvez dissesse: "Eu avisei!" Ele mesmo afirmou certa vez que "muitos são os convidados, poucos os escolhidos."

O cristianismo provavelmente foi a instituição mais importante do mundo nestes 2 mil anos. Muito do que nos parece admirável hoje resulta inteiramente ou em parte do cristianismo e de seus seguidores. Por outro lado, pode ser que, no ano 2200, estudiosos e analistas que tenham outros valores cheguem a uma conclusão diferente. A análise de importantes mudanças ocorridas no passado, para saber se foram benéficas ou não, raramente leva a um veredito unânime.

É notável como um homem que viveu há 2 mil anos, não ocupou cargo público nem era rico, e nunca visitou um lugar que ficasse a mais de dois dias a pé de distância do local onde nasceu, possa ter exercido tanta influência, com seus ensinamentos, profecias, conselhos e parábolas. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", ele declarou. "Pois onde dois ou três se reunirem em meu nome, lá estarei."

As discussões acerca da mensagem e da influência de Cristo não se esgotaram. Mesmo depois de estarmos todos mortos, e o século XXI ter ficado para trás, o fascínio persistirá, e muitos ainda o verão como um vencedor.

Jesus foi tudo isso e muito mais do que nós seres criados para o Seu louvor, poderíamos definir. Mas o fato é que, Ele é o Alfa e Ômega, o Princípio e o fim de toda criação. Sem Ele, a história seria comum e não extraordinária, porque não haveria transformação, libertação, recomeço, perdão e nem mesmo uma perspectiva de futuro, e a nossa própria história estaria fadada ao caos, ao fracasso e a desesperança. Nesse sentido espiritual, Ele mudou a história de muita gente até os nossos dias. Ele é a própria história em ação.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo: Ática. 1994.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. **História das sociedades**: das comunidades primitivas à sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1980.

ARRUDA, José Jobson de A. **História Antiga e Medieval**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BITTENCOURT FILHO, José. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. Tradução: Neuza Capelo. Título Original A SHORT STORY OF CHRISTIANITY. Fundamento, 2012.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, São Paulo: Candeia, 1991. vol.5.

COTRIM, Gilberto. **História e Consciência do Mundo**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. (Org. Emerson Justino). **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológico da Igreja Crista**. Vida Nova, 2003. Vol.3.

FERREIRA, Wilson Castro. **Calvino**: vida, Influência e teologia. São Paulo: Luz para o Caminho, 1985.

FOX, John. **O livro dos mártires**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

FRESTON, Paul C. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1993.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. 3. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. 1 e 2 vols.

GANOCKZY, Alexandre. **The Young Calvin**, Philadelphia: Westminster Press, 1987.

GARDNER, Paul Gr. **Quem é Quem na Bíblia**. São Paulo: Vida, 2002.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma: antiguidade clássica II**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. **A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro**. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: n. 1, v. 21, 2001, pp. 87-120. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9201342-A-vontadedo-saber-terminologias.html>

GLÉNISSON, J., **Iniciação aos Estudos Históricos, História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. Difel, 1961.

GRAHAM, W. Fred. **The Constructive Revolutionary John Calvin and his Socio-Economic Impact**. Atlanta: John Knox Press, 1971.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 4. Ed. São Paulo: Vida Nova. 1987.

HINSON, E. Glenn; SIEPISRSKI, Paulo. **Vozes do cristianismo primitivo**. São Paulo: Sepal.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. 14. Ed. Belo Horizonte: Vida, 2002.

LÉONARD, Émile Guillaume. **O Protestantismo brasileiro**. 2. Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

LLOYD, Jones, D. Martin. **Os Puritanos – Suas Origens e seus Sucessores**. São Paulo: PES, 1993.

LOPES, Ilídio Burgos. **A reforma religiosa do século XVI**. São Paulo: Independente, 1955.

LUCCI, Elian Alabi. **História Geral**: a expansão da civilização ocidental e sua contribuição para o mundo atual. São Paulo: Saraiva, 1984.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teoria da prosperidade**. São Paulo: Novos Estudos, Cebrap, n. 44, 1989.

MATOS, Alderi Souza de. **O Movimento Pentecostal**: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário – Parte1. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia, n. 1, v. 3, 2011, pp.1-17.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. São Paulo: Estudos avançados, v. 18, n. 52. 2004.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da igreja cristã**. 6. Ed. São Paulo: Presbiteriana, 1985.

OLIVEIRA, Raimundo F. de. **História da Igreja**: dos Primórdios à Atualidade. 2. ed. São Paulo: EETAD, 1988.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reforma. São Paulo: Vida. 2001.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Neopentecostalismo**: dinheiro e magia. Florianópolis: Revista de Antropologia, n. 1, v. 3, 2001.

PECMAN, P. James. **Panorama da história da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PEDDE, Valdir. **O poder do pentecostalismo**: A experiência do Espírito Santo. São Leopoldo: Estudos Teológicos, n. 3, v. 37, 2013.

SCHIMITT, P. Charles. **Raiz em uma Terra Seca**. Belo Horizonte: Atos, 2003.

SEFFNER, Fernando. **Da reforma à contra reforma**. São Paulo: Atual S.A., 1993.

SOUZA, Alexandre Carneiro. **Pentecostalismo, de onde vem e para onde vai?** Viçosa: Ultimato, 2004.

TADVALD, Marcelo. **Veredas do Sagrado: Brasil e Argentina no Contexto da Transnacionalização Religiosa**. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. São Paulo: Shedd, 2010.

Ultimato Online. Jul/ago. edição 337. 2012. Acessado em 06 de dez. 2018

VAN, Engen Charles. **Povo de Deus, Povo Missionário: Por uma Redefinição do Papel da Igreja Local**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

WAGNER, C. Peter. **A Church Growth Perspective on Pentecostal Missions. Called and empowered: Global mission in Pentecostal perspective**, Washington: Baker Academic, 1991.